



CADERNO DE RESUMOS

VI Encontro Intermediário do Grupo de Trabalho de Fonética e Fonologia da ANPOLL



Apoio:

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPR)
Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP)
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP/USP)

Flaviane Romani Fernandes Svartman
Denise Cristina Kluge
(Organizadoras)

VI Encontro Intermediário do GT de
Fonética e Fonologia da ANPOLL
Caderno de Resumos

Araraquara
Letraria
2024

Caderno de Resumos do VI Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL

Organizadoras:

Flaviane Romani Fernandes Svartman
Denise Cristina Kluge

Comitê organizador:

Denise Cristina Kluge
Flaviane Romani Fernandes Svartman
Rian Pereira Fernandes
Otávio Augusto Rodrigues Bernardo Silva
Pollianna Milan
Alison Gonçalves
Liane von Mühlen
Juliana Martinez
Michele Bruna de Sousa Silva Gal

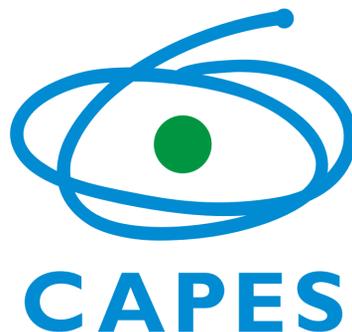
Apoio institucional:

Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFPR)
Universidade de São Paulo (USP)
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP)
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPGFLP/USP)



Apoio financeiro

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001



Universidade Federal do Paraná

Reitor: Prof. Dr. Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora: Profa. Dra. Graciela Ines Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr. Helton José Alves

Diretor Setor de Humanas: Prof. Dr. João Frederico Rickli

Vice-diretor Setor de Humanas: Prof. Dr. Rodrigo Rodriguez Tavares

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-L): Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação (PPG-L): Prof. Dr. Eduardo Henrique Diniz de Figueiredo

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPG-FLP/USP): Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa (PPG-FLP/USP): Profa. Dra. Sheila Vieira de Camargo Grillo

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia da ANPOL (6. : 2024:
Curitiba, PR)

VI Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL
[livro eletrônico] : caderno de resumos / organização Flaviane Romani
Fernandes Svartman, Denise Cristina Kluge. -- Araraquara, SP : Letraria,
2024

PDF.

Vários Autores.

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5434-096-0

1. Fonética 2. Fonologia 3. Linguagem e línguas 4. Linguística I.
Svartman, Flaviane Romani Fernandes. II. Kluge, Denise Cristina. III. Título.

24-237281

CDD-410

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

I SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

12

CONFERÊNCIAS

Conferência de abertura

PESQUISAS SOBRE FALA E POSSÍVEIS APLICAÇÕES AO ENSINO: REFLEXÕES A PARTIR DE PERFIS DE RESPOSTAS À PERCEPÇÃO DE FRONTEIRAS PROSÓDICAS

Luciani Ester Tenani (Unesp/CNPq)

15

Conferência de encerramento

INCERTEZA E RIGOR: EXPLORANDO QUESTÕES DE DEDUÇÃO, INTUIÇÃO E PROBABILIDADE NA BUSCA CIENTÍFICA POR CAUSALIDADES

Ronaldo Manguera Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

17

RESUMOS

A ASSIMILAÇÃO NA LIBRAS: UM ESTUDO BASEADO EM DADOS NATURALÍSTICOS

Amanda Regina Silva (UFPR)

André Xavier (UFPR)

19

ALTERNANTES MINORITÁRIAS NA FLEXÃO DE NÚMERO DE NOMES TERMINADOS EM [ãw̃] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pedro Eugênio Gaggiola (UFRGS)

20

A EMERGÊNCIA DE OBSTRUÍNTES EM CODA NO PB-L1 E SEUS REFLEXOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO INGLÊS-L2

Anderson Romário Souza Silva (UFERSA)

Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

22

A FONOLOGIA NAS DISSERTAÇÕES DO PROFLETRAS: A CAMADA SEGMENTAL NO PRIMEIRO QUINQUÊNIO

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

23

A FONOTAXE DE RAÍZES LEXICAIS DO PORTUGUÊS: INTERAÇÃO ENTRE PREFERÊNCIAS COMBINATORIAIS E O MECANISMO GRAMATICAL

Gabriel Castelano Millas (UFMG)

Magnun Rochel Madruga (UFMG)

24

A NASALIZAÇÃO NO PB EM UMA COMUNIDADE BILÍNGUE (PORTUGUÊS/POLONÊS) NO MUNICÍPIO DE CRUZ MACHADO/PR

Sonia Eliane Niewiadomski (USP)

26

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO-RO: UM CASO DE ASSIMILAÇÃO

Fábio Pereira Couto (UNIR)

Natália Cristine Prado (UNIR)

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

27

A PERCEÇÃO DA FALA SINCRONIZADA EM DADOS NATURAIS E DADOS MANIPULADOS: EFEITOS DO *ONSET* VOCÁLICO COMO PISTA ACÚSTICA PARA A PERCEÇÃO DA SINCRONIZAÇÃO E DESAFIOS METODOLÓGICOS

Verônica Penteado Siqueira (USP)

Beatriz Raposo de Medeiros (USP)

29

A PERCEÇÃO DE ENCONTROS CONSONANTAIS FONOTATICAMENTE PROIBIDOS, AUSENTES OU RAROS POR FALANTES ADULTOS BRASILEIROS

Andressa Toni (Unicentro)

31

A PERCEÇÃO DOS FONEMAS NASAIS NA LÍNGUA INGLESA POR FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Patrícia Minelly da Paz Melo (UFC)

Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

32

A PERSEVERAÇÃO E NÃO PERSEVERAÇÃO DE BOIAS DE LISTAGEM NA LIBRAS

Ronaldy Pavão Heitkoetter (UFPR)

André Xavier (UFPR)

34

A PRODUÇÃO DE VOGAIS DESVOZEADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Mendes Cantoni (UFMG)

36

A SÍLABA NO ANGOLAR MODERNO

Manuele Bandeira (Unilab)

Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

38

***BLENDS* DO PORTUGUÊS BRASILEIRO TÊM DOIS ACENTOS PRIMÁRIOS: UMA ABORDAGEM ACÚSTICA**

Emerson Viana Braga (UESB/UNEB)

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

40

COMPLEXIDADE SILÁBICA E POSIÇÃO DO SEGMENTO NA SÍLABA SÃO RELEVANTES PARA A MANIFESTAÇÃO DO ACENTO DE PALAVRA

Vitor Antônio Moraes Prado (UFMG)

42

DENSIDADE TONAL EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP/ CNPq)

44

DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (PLA) POR UM FALANTE ARGENTINO: ANÁLISE A PARTIR DAS CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS *BREAKDOWN*, *SPEED* E *REPAIR FLUENCY* E COMPARAÇÃO DESSES PARÂMETROS COM UM FALANTE BRASILEIRO

Ubiratã Kickhofel Alves (UFRGS/CNPq)

Pollianna Milan (UFPR)

47

EFEITOS DA FRONTEIRA DE PALAVRAS NA PROEMINÊNCIA INICIAL DE ENUNCIADO

Luciana Lucente (UFMG)

Vitor Antônio Moraes Prado (UFMG)

49

EFEITOS DO DETALHE FONÉTICO NA PERCEPÇÃO ILUSÓRIA DA VOGAL [ɪ] ÁTONA FINAL

Matheus Freitas (UFMG)

51

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A VOZ CREPITANTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bárbara Godinho de Oliveira (UFMG)

53

FONOLOGIA DE LABORATÓRIO NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Daniel Nepomuceno Coutinho (UFMG)

Gabriel Eugenio Souza de Melo (UFMG)

54

FORMAÇÃO DE CATEGORIAS FONOLÓGICAS DO INGLÊS POR APRENDIZES L2

Flora Dilza Ngunga (UFMG)

56

FRASEAMENTO PROSÓDICO E AUTISMO

Leandro Lisboa (UFRJ)

Carolina Serra (UFRJ)

58

HARMONIA VOCÁLICA E O PARADIGMA VERBAL: UMA ANÁLISE INFERENCIAL SOBRE DADOS DO VARSUL

Isabela Prisco Petry (UFRGS)

60

O DESENVOLVIMENTO DA OCLUSIVA GLOTTAL EM PALAVRAS COMPOSTAS DO ALEMÃO NA PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE

Michele Bruna de Sousa Silva Gal (UFPR)

Denise Cristina Kluge (UFRJ/UFPR)

62

O EFEITO DO TREINAMENTO PERCEPTUAL COM ESTÍMULOS SINTÉTICOS E NATURAIS NA IDENTIFICAÇÃO DAS VOGAIS /ae/ E /ɛ/ DO INGLÊS

Rosane Silveira (UFSC/CNPq)

Elisabeth Ann Bunch Oliveira da Rosa (UFSC)

65

OS EFEITOS DO APRENDIZADO DAS LETRAS <e, o> NA PRODUÇÃO ORAL DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E POSTÔNICAS FINAIS

Cecília Toledo (UFMG)

66

PROCESSAMENTO DE SENTENÇAS EXCLAMATIVAS E INTERROGATIVAS PARA O RECONHECIMENTO AUTOMÁTICO DE FALA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rian Pereira Fernandes (USP)

Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP/CNPq)

68

PROCESSOS FONOLÓGICOS E A ORTOGRAFIA NAS REDAÇÕES OFICIAIS DO ENEM

Luíza Vignoli Lacerda (UFMG)

70

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM LIBRAS

Clovis Batista Souza (UFPR)

André Xavier (UFPR)

72

REDUÇÃO GRADIENTE DA VOGAL PÓS-TÔNICA MEDIAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pablo Arantes (UFSCar)

Tiago Pereira Rodrigues (UFSCar)

74

REPRESENTAÇÕES DE DITONGOS ORAIS FECHADOS POR GLIDE LABIOVELAR EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS DOMÍNIOS

Luiz Schwindt (UFRGS/CNPq)

76

REVISÃO SISTEMÁTICA DE TREINAMENTO PERCEPTUAL/FONÉTICO

Otávio Augusto Rodrigues Bernardo Silva (UFPR)

Denise Cristina Kluge (UFRJ/UFPR)

Angélica Foresti Carlet (UIC)

78

**SOBRE A DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL DE MEDIDAS ACÚSTICAS
CORRELATAS DA QUALIDADE DE VOZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO:
APLICAÇÕES PARA A FONÉTICA FORENSE**

Renata Regina Passetti (UFSCar)

Pablo Arantes (UFSCar)

80

TONOGÊNESE NAS LÍNGUAS CRIOULAS DO GOLFO DA GUINÉ

Ana Livia Agostinho (UFSC)

81

**UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE NASALIZAÇÃO DE [la]~[ni] E DE
ASSIMILAÇÃO DAS CONSOANTES COMPLEXAS [kp̄] E [gb̄] NOS ORÚNKŌ DO
CANDOMBLÉ**

Júlia Lopes Penido Pena (UFMG)

Rosivaldo Pires França (UFMG)

83

VARIAÇÃO E ESTABILIDADE FONOLÓGICAS EM SINAIS PARA CORES NA LIBRAS

Katherine Fischer (UFPR)

André Xavier (UFPR)

85

I Apresentação

O Grupo de Trabalho (GT) de Fonética e Fonologia da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) tem promovido encontros intermediários entre os encontros bianuais da ANPOLL. A sexta edição do Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia da ANPOLL foi realizada na Universidade Federal do Paraná, nos dias 11 e 12 de setembro de 2024, juntamente com a III Escola do GT nos dias 09 e 10.

O VI Encontro Intermediário contou com duas conferências: a conferência de abertura e a de encerramento. Os professores Luciani Ester Tenani (UNESP/CNPq) e Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UnB/CNPq) foram os palestrantes convidados, e proferiram, respectivamente, as conferências de abertura e encerramento intituladas: “Pesquisas sobre fala e possíveis aplicações ao ensino: reflexões a partir de perfis de respostas à percepção de fronteiras prosódicas” e “Incerteza e rigor: explorando questões de dedução, intuição e probabilidade na busca científica por causalidades”.

Após os resumos das conferências, este Caderno apresenta os 37 resumos referentes aos trabalhos apresentados durante o Encontro em sessões de comunicação oral ou em sessões de pôster, dispostos em ordem alfabética, considerando o título do trabalho. Há apresentações de pesquisas em diferentes fases de execução e conduzidas por pesquisadores em formação, pesquisadores júniores e pesquisadores sêniores, o que enriquece as discussões e trocas de experiências. Quanto aos temas dos trabalhos apresentados, foram abordados os seguintes tópicos: (i) questões fonéticas e fonológicas de natureza segmental e prosódica do português do Brasil; (ii) aquisição fonético-fonológica de língua materna e de línguas não nativas; (iii) relação entre ortografia e fonologia; (iv) descrição de línguas africanas e de outras variedades do português; (v) representação fonológica; (vi) fonética forense; (vii) processamento de língua natural e (viii) língua brasileira de sinais. Um dos principais objetivos dos Encontros do GT é promover o intercâmbio acadêmico entre seus membros a fim de assegurar fórum privilegiado de debate de pesquisas em curso sobre fonética e fonologia, e a riqueza das comunicações deste Caderno atesta o cumprimento desse objetivo.

Satélite ao VI Encontro Intermediário, a III Escola do GT de Fonética e Fonologia foi organizada com dois cursos que buscaram promover a formação continuada de pesquisadores da área. O Prof. Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq) ministrou o curso “Modelos perceptuais de L2: postulados e bases epistemológicas”, e a Profa. Ana Livia Agostinho (UFSC), o curso “Aspectos fonético-fonológicos do

português em contato”, ambos atraindo desde alunos de graduação a alunos de pós-graduação e pesquisadores.

Os trabalhos apresentados no VI Encontro representam o estado da arte das pesquisas em Fonética e Fonologia no Brasil. Além de contemplarem o desenvolvimento de pesquisas em diferentes fases de execução e por pesquisadores de diferentes níveis, desde alunos de pós-graduação a pesquisadores sêniores, tais trabalhos tratam de diferentes objetos investigativos sob diversas perspectivas teóricas. Sentimo-nos privilegiadas pela oportunidade de organizar um evento que visou congregar pesquisadores interessados em intercâmbio acadêmico e no fomento de pesquisas inovadoras sobre fonética e fonologia de línguas maternas e estrangeiras. cremos que este evento representa o espírito do nosso GT de Fonética e Fonologia: um ambiente acolhedor, inclusivo e de respeito à riqueza da heterogeneidade, ao ter como objetivo o debate construtivo de pesquisas em Fonética e Fonologia com diferentes objetos investigativos e desenvolvidas sob diversas perspectivas teóricas.

Flaviane Svartman

Denise Kluge

São Paulo, outubro de 2024.

CONFERÊNCIAS

PESQUISAS SOBRE FALA E POSSÍVEIS APLICAÇÕES AO ENSINO: REFLEXÕES A PARTIR DE PERFIS DE RESPOSTAS À PERCEPÇÃO DE FRONTEIRAS PROSÓDICAS

Luciani Ester Tenani (Unesp/CNPq)

Nesta apresentação, busco abordar dois temas de natureza distinta a fim de problematizar parte dos desafios que interpelam, em alguma medida, os pesquisadores de Fonética e Fonologia. O primeiro tema diz respeito à investigação de efeitos de características fonéticas na pontuação de fronteiras sintáticas que podem ou não corresponder a fronteiras de frase entoacional (IP), um constituinte prosódico que se configura, principalmente, a partir de contornos entoacionais (Frota; Moraes, 2016). Reporto, sucintamente, os resultados de Silva (2023) obtidos a partir de um teste de percepção do tipo escolha forçada com 35 licenciandos em Letras pela Unesp. Em um conjunto de estímulos, os áudios se caracterizam por pistas fonéticas robustas na fronteira de IP (com pausa, tom de fronteira). Em outro conjunto, os áudios se caracterizam por pistas fonéticas relativamente menos robustas na fronteira de IP (sem pausa, ou tom fronteira). Os estímulos foram apresentados aleatoriamente aos participantes e, após ouvir cada estímulo, foi solicitada a escolha de uma das opções: 1) enunciado escrito ortograficamente e com pontuação empregada na fronteira relevante; 2) enunciado escrito ortograficamente e sem pontuação na fronteira relevante. Para cada estímulo auditivo, cada participante gerou três respostas, totalizando 105 respostas que constituem o corpus da pesquisa. Essas respostas foram agrupadas em dois conjuntos por Silva e Tenani (2024): em um conjunto, as respostas sobre uso da pontuação se mostraram predominantemente embasadas em características sintáticas e, em outro conjunto, as respostas se mostraram embasadas na percepção da fronteira de IP. Revisito, nesta apresentação, a discussão sobre a pertinência em estabelecer perfis de participantes a partir das respostas sobre a pontuação dos enunciados a fim de, no primeiro momento, problematizar consequências metodológicas relativas aos efeitos que esses possíveis perfis teriam sobre a interpretação da percepção de pistas fonéticas de fronteiras de IP.

Na sequência, passo ao segundo tema desta apresentação, relacionando-o ao primeiro ao tratar da aplicação e/ou da aplicabilidade que as pesquisas em fonética e fonologia são instadas a ter na formação e para a atuação do licenciando em Letras. Algumas pesquisas são, mas várias outras não são voltadas ao ensino

da ortografia ou da pontuação, sendo essas, porém, diretamente aplicadas ao ensino de escrita, desconsiderando-se aspectos teóricos e metodológicos dessa aplicação. Problematizo as contribuições que nossas pesquisas têm a dar ao ensino da escrita, mas, sobretudo, à investigação da fala – em suas características fonéticas e fonológicas – ao fomentar reflexões sobre modos diversos de existir na linguagem e, dessa maneira, promover a valorização da formação linguística para a atuação qualificada do professor de português no ensino fundamental e superior. (Apoio: FAPESP 2022/05908-0, CNPq 407.593/2021-7)

Referências

FROTA, S.; MORAES, J. Intonation in European and Brazilian Portuguese. *In: WETZELS, W. L.; COSTA, J.; MENUZZI, S. (ed.). The Handbook of Portuguese Linguistics*. John Wiley & Sons, Inc, Hoboken, NJ. DOI: [10.1002/9781118791844.ch9](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118791844.ch9). Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781118791844.ch9/summary>. Acesso em: 23 out. 2024.

SILVA, L.; TENANI, L. *Potenciais impactos do perfil do participante sobre um teste de percepção de fala e representação escrita no Português Brasileiro*. Apresentação de comunicação no XX Congresso da ALFAL, Universidad de Concepción, Chile, 2024.

SILVA, L. Relatório de Projeto de Pós-Doutorado “Podcasts no Ensino Superior: análise linguística de transcrições”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Unesp, São José do Rio Preto, 2023.

Conferência de encerramento

INCERTEZA E RIGOR: EXPLORANDO QUESTÕES DE DEDUÇÃO, INTUIÇÃO E PROBABILIDADE NA BUSCA CIENTÍFICA POR CAUSALIDADES

Ronaldo Manguera Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

A observação de fenômenos linguísticos seguida do raciocínio lógico-dedutivo do pesquisador frequentemente constituem o ponto de partida de uma investigação científica, gerando hipóteses que serão testadas. No entanto, o raciocínio intuitivo nem sempre se alinha com a realidade probabilística dos fenômenos observados. Além disso, a busca pela causalidade com base em amostras limitadas envolve múltiplas variáveis interativas, incluindo aquelas não observadas ou sequer cogitadas. Para assegurar o rigor científico necessário a uma investigação responsável, duas ações cruciais serão propostas: i) Construir um modelo de causalidade antes de definir e ajustar o modelo de inferência, utilizando Grafos Acíclicos Dirigidos (DAGs – Directed Acyclic Graphs); e ii) incluir medidas e descrições de incerteza nas análises de dados e nos relatos de pesquisa. Essas práticas fortalecem a transparência e a robustez das conclusões científicas, promovendo uma compreensão mais profunda e confiável dos fenômenos estudados.

RESUMOS

A ASSIMILAÇÃO NA LIBRAS: UM ESTUDO BASEADO EM DADOS NATURALÍSTICOS

Amanda Regina Silva (UFPR)

André Xavier (UFPR)

De acordo com Friedman (1975), a *assimilação* consiste na cópia, por uma dada unidade fonológica, de características de unidades adjacentes. Tanto nas línguas faladas quanto nas línguas sinalizadas, esse processo fonológico pode apresentar duas direções: da direita para a esquerda, denominada *regressiva*, e da esquerda para a direita, designada como *progressiva*. O objetivo deste trabalho é analisar, com base em dados naturalísticos, a assimilação na língua brasileira de sinais, libras. Para isso, analisamos 59 dos 60 vídeos postados por Gabriel Isaac, um *youtuber* surdo, sinalizante e goiano, em seu canal no YouTube entre janeiro de 2016 e dezembro de 2021, totalizando 15h58min de gravação. Como resultado, identificamos casos de assimilação envolvendo a configuração de mão, a localização e o número de mãos. A assimilação da localização foi a mais frequente, correspondendo a 57% dos dados. Em segundo e terceiro lugares, respectivamente, aparecem a assimilação do número de mãos (33%) e da configuração de mão (9%). Além disso, diferentemente do que relata Friedman (1975) para as línguas orais e para a língua de sinais americana, ASL, a assimilação progressiva foi mais frequente (81%) do que a regressiva (19%) nos dados da libras aqui analisados.

Referências

FRIEDMAN, L. A. Phonological Processes in the American Sign. *In: Annual MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY*, 1., 1975, Berkeley. Proceedings... Berkeley, 1975, Comunicação oral. p. 147-159.

ALTERNANTES MINORITÁRIAS NA FLEXÃO DE NÚMERO DE NOMES TERMINADOS EM [ãũ] NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pedro Eugênio Gaggiola (UFRGS)

Neste trabalho, abordamos a flexão de número de nomes terminados em [ãũ] no português brasileiro (PB). Especialmente, discutimos dois contextos fonológicos e um morfológico que favorecem a exponência do plural em nomes terminados por esse ditongo por meio das alternantes [ẽũs] e [ẽjũ] (ex. órgãos, alemães), minoritárias no contexto geral deste fenômeno (Bisol, 1998; Huback, 2010; Schwindt; Gaggiola; Petry, 2021). Assim, realizamos um experimento linguístico virtual (CAAE: 62259822.9.0000.5347) no qual os participantes deveriam ler e ouvir frases contendo pseudopalavras pluralizadas por meio das alternantes [õjũ], [ẽũs] e [ẽjũ] (ex. dobões, dobãos, dobães) e deveriam escolher a frase contendo a pseudopalavra pluralizada que lhes soasse mais natural. As pseudopalavras foram geradas a partir do *script* em R Word Generator (Garcia, 2014) e os dados foram coletados através da plataforma SurveyMonkey ([surveymonkey.com](https://www.surveymonkey.com)). Nosso objetivo era controlar as variáveis linguísticas número de sílabas, acento e afiliação morfológica de [ãũ], sob a hipótese de que logatomas monossilábicos, paroxítonos ou afixados pelo sufixo gentílico -ão favorecessem a escolha de frases contendo pseudopalavras pluralizadas por [ẽũs] ou [ẽjũ]. O *status* de sufixo gentílico do ditongo nasal foi veiculado pela semântica da frase. Na etapa de análise inferencial dos dados, realizamos um modelo de regressão logística que considera efeitos mistos. O modelo hierárquico apontou para o favorecimento da escolha de logatomas pluralizados pelas alternantes [ẽũs] e [ẽjũ] no contexto de pseudopalavras de uma sílaba, paroxítonas ou afixadas pelo sufixo gentílico -ão ($\alpha = 0.05$, $R^2_m = 0.159$; $R^2_c = 0.280$, Índice C = 0.8). Nossos resultados, portanto, contribuem para a hipótese de que a flexão de número em nomes terminados por [ãũ] é sensível a aspectos fonológicos (Abaurre, 1983; Huback, 2010) e apontam para uma influência do sufixo gentílico -ão na produtividade de padrões morfofonológicos sub-regulares na flexão de número no PB.

Referências

ABAURRE, M. B. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 5, 1983.

BISOL, L. A Nasalidade, um Velho Tema. *DELTA*, v. 14, 1998.

GARCIA, G. D. Word Generator: an R script for generating pseudo-random words. Disponível em: https://github.com/guilhermegarcia/r/blob/master/word_generator.md, 2014. Acesso em: 23 out. 2024.

HUBACK, A. Plurais em -ão do português brasileiro: efeitos de frequência. *Revista Linguística*, v. 6, n. 1, 2010.

SCHWINDT, L. C.; GAGGIOLA, P. E.; PETRY, I. P. Frequência e distribuição de plurais irregulares no Corpus Brasileiro. *Revista Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, 2021.

A EMERGÊNCIA DE OBSTRUÍNTES EM CODA NO PB-L1 E SEUS REFLEXOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO INGLÊS-L2

Anderson Romário Souza Silva (UFERSA)

Ronaldo Manguiera Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

Esta pesquisa analisa a emergência de obstruientes em coda no português brasileiro (PB) devido ao apagamento da vogal pós-tônica final. Investigamos se a variante potiguar do PB é marcada por mais casos de apagamento, como reportado em pesquisas passadas. Também analisamos a possibilidade de influências mútuas entre o PB como primeira língua (L1) e o inglês como segunda língua (L2). Para este fim, realizamos análises acústicas e ajustamos modelos de regressão para averiguar se a variante da L1 ser bilíngue e estar em imersão em um contexto no qual a L2 é a principal língua são fatores que favorecem a produção de obstruientes em coda nas duas línguas.

A FONOLOGIA NAS DISSERTAÇÕES DO PROFLETRAS: A CAMADA SEGMENTAL NO PRIMEIRO QUINQUÊNIO

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

Desde a implantação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, em 2013, as dissertações desenvolvidas no âmbito desse programa têm tratado de diferentes temáticas que, de uma forma ou de outra, estão relacionadas aos conteúdos trabalhados pelos professores no Ensino Fundamental I e II. Muitas dessas temáticas abordadas estão ligadas à apropriação do sistema de escrita por parte dos alunos e à leitura, e nesse aspecto, acabam tocando em questões que são tratadas direta ou indiretamente pela Fonética e Fonologia. Assim, os mestrandos do PROFLETRAS veem nessas áreas uma alternativa robusta para entender a escrita e leitura de seu aluno e se propõem a desenvolver seus trabalhos de fim de curso pautando as atividades interventivas em pressupostos teórico metodológicos da Fonética e Fonologia. Dessa forma, clássicos autores que discutem a relação língua/ortografia; escrita/oralidade; escrita/leitura, tais como Lemle (1988), Cagliari (1997), Simões (2006), Faraco (2016), entre outros, constituem leituras obrigatórias. Nesse sentido, aspectos segmentais e suprasegmentais da escrita são temas observados nessas dissertações. Neste trabalho, nossa proposta é inventariar as dissertações de mestrado defendidas no PROFLETRAS no primeiro quinquênio de sua existência (2013 a 2018), as quais tratam de aspectos segmentais da língua. Buscamos investigar quais tópicos foram trabalhados, se e quais teorias fonológicas foram utilizadas. Objetivamos investigar se o uso do arcabouço teórico da Fonologia trouxe efetivamente melhoras para o aluno. Para tanto, foi realizada pesquisa nas páginas dos PROFLETRAS de todo o Brasil e análise i) das palavras-chave dessas dissertações; ii) do arcabouço teórico; iii) das atividades interventivas, e iv) dos resultados obtidos. Nossos resultados mostram que a) há um aumento significativo no número de dissertações que buscam tratar de um aspecto segmental; b) as teorias fonológicas estão presentes no arcabouço teórico, mas timidamente exploradas nas atividades interventivas.

Referências

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1997.

FARACO, C. A. *Linguagem, Escrita e Alfabetização*. São Paulo: Contexto, 2016.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo: Ática, 1988.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

A FONOTAXE DE RAÍZES LEXICAIS DO PORTUGUÊS: INTERAÇÃO ENTRE PREFERÊNCIAS COMBINATORIAIS E O MECANISMO GRAMATICAL

Gabriel Castelano Millas (UFMG)

Magnun Rochel Madruga (UFMG)

A interação entre sons e unidades linguísticas gera preferências por padrões fonéticos dados pela economia biomecânica intrassilábica CV (cf. MacNeilage, 1998; MacNeilage; Davis, 2000). A fonotaxe lexical não é aleatória, e há alguma codificação fonológica na formação de unidades como raízes e palavras. No entanto, faz-se necessário compreender a interação entre propriedades puramente fonéticas e o mecanismo gramatical, que opera para garantir significação e uso de estruturas linguísticas específicas. A partir da noção de que restrições fonotáticas podem ser probabilísticas (Pierrehumbert, 1994, 2001; Albano, 2007, 2016), esta pesquisa analisa os padrões combinatórios intra e intersilábicos de raízes lexicais do português, a fim de determinar a associação: (i) entre pontos de consoantes e vogais na organização da sílaba, (ii) dos pontos das Cs intersilábicas das raízes, e (iii) entre o ponto de C da borda direita da raiz e da primeira vogal morfológica adjungida. Para isso, utilizou-se o Léxico do Português Brasileiro – LexPorBr –, versão alfa lematizada (Estivalet; Meunier, 2015), tratado no *software* R (R Core Team, 2022) e revisado manualmente. O *corpus* final é composto por aproximadamente 64 mil palavras. Os resultados demonstram que o padrão inicial #CV apresenta associação estatisticamente significativa para as combinações previstas por MacNeilage (1998), mas são superadas na primeira concatenação morfológica. A borda esquerda das raízes apresenta preferência por consoantes labiais, enquanto a borda direita, por consoantes coronais. Há uma emergência geral das consoantes oclusivas /p, t, k/. Disso, decorrem três conclusões principais: a) a melhor sílaba CV é composta por oclusivas não-marcadas; b) o contraste entre os pontos de articulação é explorado na combinatória da formação de raízes; c) na interação fonologia-morfologia, emerge Coronal+/a/ como a principal associação CV, resultado da alta produtividade dessa vogal como morfema. Logo, temos que a combinatória fônica é subordinada à gramática morfológica quando esta se faz presente na formação das palavras.

Referências

ALBANO, E. C. Codificação estatística das categorias fonéticas: vestígio da dinâmica da fala na fonotaxe lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 15, p. 9-42, 2007.

ALBANO, E. C. Conditions favoring biomechanically driven CV co-occurrence in lexicons. *Journal of Phonetics*, v. 55, p. 78-95, 2016.

ESTIVALET, G. L.; MEUNIER, F. The Brazilian Portuguese Lexicon: An Instrument for Psycholinguistic Research. *Plos One*, v. 10, p. e0144016-24, 2015.

MAC NEILAGE, P. F.; DAVIS, B. L. On the origin of internal structure of word forms. *Science*, v. 288, n. 5465, p. 527-531, 2000.

MAC NEILAGE, P. F. The frame/content theory of evolution of speech production. *Behavioral and Brain Sciences*, v. 21, n. 4, p. 499-511, 1998.

PIERREHUMBERT, J. Stochastic phonology. *GLOT International*, v. 5, n. 6, p. 195-207, 2001.

PIERREHUMBERT, J. Syllable structure and word structure. *In*: KEATING, P. (org.). *Papers in Laboratory Phonology III*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. p. 168-190.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria, 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>. Acesso em: 23 out. 2024.

A NASALIZAÇÃO NO PB EM UMA COMUNIDADE BILÍNGUE (PORTUGUÊS/POLONÊS) NO MUNICÍPIO DE CRUZ MACHADO/PR

Sonia Eliane Niewiadomski (USP)

No português brasileiro, há uma discussão se há vogais nasais ou se é um processo de nasalização. Camara Jr. (1970) identifica sete vogais orais /a, e, ε, i, o, ɔ, u/ e cinco vogais nasais /ẽ, ẽ, õ, ã, õ/. Já para Bisol (2005), das sete vogais orais mencionadas pelo pesquisador, cinco delas (/a, e, i, o, u/) sofrem processo de nasalização, decorrente do espriamento do traço [nasal] de uma consoante para a vogal anterior adjacente. A direção do espriamento do traço [nasal] é sempre regressiva. Na língua polonesa, a nasalização não é produtiva: o polonês apresenta seis vogais orais, /a, ε, i, i, u, ɔ/, e duas vogais nasais médias baixas /ẽ, õ/ e se realizam como ditongos nasais (Gussmann, 2007). Diante disso, essa pesquisa objetiva verificar se o processo da nasalização é produtivo no português falado por brasileiros de ascendência polonesa do município de Cruz Machado, no Paraná. A língua polonesa está presente há mais de um século nessa localidade e o uso acontece principalmente no ambiente familiar, ao mesmo tempo, estão em contato com a língua majoritária, o português. Neste trabalho, apresentaremos dados preliminares no ambiente fonológico /aN/, de 26 informantes (terceira e quarta geração). A coleta de dados foi por meio da fala naturalística, motivada com questões de relatos sobre o seu cotidiano e através do teste de nomeação de palavras (apresentação de imagens). Os resultados indicam que o processo da nasalização no ambiente /aN/ é mais produtivo entre os participantes da quarta geração.

Referências

BISOL, L. *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

CAMARA JR. J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007 [1970].

GUSSMANN, E. *The phonology of Polish*. Oxford, 2007.

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO DE PORTO VELHO-RO: UM CASO DE ASSIMILAÇÃO

Fábio Pereira Couto (UNIR)

Natália Cristine Prado (UNIR)

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

A palatalização das oclusivas alveolares/dentais correspondentes aos fonemas /t/ e /d/ no português brasileiro (PB) é observada de forma não uniforme nas diversas regiões brasileiras (Hora, 1993). Para investigar a ocorrência desse fenômeno, e de outros que ocorrem em sua decorrência, em Porto Velho – RO, partimos de uma gravação realizada no âmbito do projeto “Amostras Linguísticas do Norte e do Nordeste (ALINN): geração de dados de fala e escrita” com 9 falantes nativos de PB nascidos nessa cidade. Os colaboradores foram instruídos a pronunciar 55 frases contendo palavras com os fonemas /t/ e /d/. Os resultados (confirmados acusticamente com o Praat) apontaram a realização categórica de [tʃ] e [dʒ] em contexto de assimilação regressiva (antes de [i]). Além disso, observou-se a ocorrência categórica de [ʃ] antes de [tʃ], em palavras como “pastilha” e “ajuste”, e de [ʒ] antes de [dʒ] em palavras como “desde” e “desdizer”. A realização do /S/ como [ʃ] se mostrou variável quando seguido de [t] nas palavras “misto” e “pasta” (4 realizações). O apagamento da vogal [ɪ] átona final após [tʃ] foi outro fenômeno observado, e o teste de “Qui-Quadrado: tabela de contingência 2x3” chegou ao valor de $p = 0,002$; ou seja, houve uma diferença significativa do número de ocorrências de palatalização com e sem apagamento da vogal [ɪ] átona final entre palavras dissílabas, trissílabas e polissílabas, sinalizando haver uma associação entre o fenômeno e o tamanho do vocábulo. De modo geral, considerando esses resultados, é possível estabelecer duas hipóteses iniciais: i) a palatalização das oclusivas dentais/alveolares condiciona significativamente a produção do /S/ que a antecede e ii) quanto menor a palavra, menor é a tendência ao apagamento da vogal [ɪ] átona final no processo de palatalização e, por sua vez, quanto maior a palavra, maior a tendência ao apagamento dessa vogal no processo de palatalização.

Referências

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. *Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português*. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer*. 2022. Disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/> Acesso em: 2 jun. 2024.

HORA, D. *Projeto variação linguística no Estado da Paraíba*. 1993.

TELLES, I. M. *et al.* Estado da arte do Projeto Atlas Linguístico de Rondônia. *Work. Pap. Linguíst.*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 91-112, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.5007/1984-8420.2022.e78355>. Acesso em: 2 jun. 2024.

A PERCEPÇÃO DA FALA SINCRONIZADA EM DADOS NATURAIS E DADOS MANIPULADOS: EFEITOS DO *ONSET* VOCÁLICO COMO PISTA ACÚSTICA PARA A PERCEPÇÃO DA SINCRONIZAÇÃO E DESAFIOS METODOLÓGICOS

Verônica Penteado Siqueira (USP)

Beatriz Raposo de Medeiros (USP)

Este trabalho apresenta os resultados de um experimento de percepção da fala sincronizada. São dois os nossos objetivos: investigar a relação entre a duração da assincronia entre dois falantes – medida a partir da diferença entre *onsets* vocálicos ao longo do enunciado – e a percepção deste como mais ou menos sincronizado, além de avaliar o método desenvolvido para a manipulação dos estímulos. A fala sincronizada ocorre quando duas ou mais pessoas produzem o mesmo enunciado ao mesmo tempo [1]. A capacidade de falar em sincronia é preponderante, ocorrendo com facilidade [2,3], na ausência de uma estrutura rítmica regular subjacente [4,5] ou frente a obstruções da tarefa de diferentes naturezas [6]. Embora este fenômeno demonstre o acoplamento que ocorre entre a produção e percepção da fala [7], há uma lacuna nos estudos de percepção. Tendo isso em vista, realizamos uma tarefa de classificação, em que os participantes avaliam enunciados produzidos por duas pessoas falando ao mesmo tempo em uma escala contínua que vai de “pouco sincronizado” a “muito sincronizado”. Trinta e nove participantes classificaram enunciados em 3 condições: *original*, naturalmente produzidos em uma tarefa de fala sincronizada [8], *sincronizada*, em que todos os *lags* foram reduzidos a zero milissegundos, e *manipulada*, em que os *lags* das sentenças originais foram aumentados por meio da manipulação da duração de unidades VVs (que vão de um *onset* vocálico a outro). Verificou-se que não houve diferenças entre a condição *original* e a condição *sincronizada* quanto à percepção. A partir disso, utilizamos um modelo de regressão para verificar se o *lag* médio do enunciado é capaz de prever os *scores* dos participantes e se esse efeito é semelhante na condição *original* e na condição *manipulada*. Discutimos alguns dos desafios deste método de manipulação, o efeito do *onset* vocálico na percepção da sincronia e propostas futuras para a investigação do fenômeno.

Referências

CERDA-OÑATE, K. *et al.* Speech rhythm convergence in a dyadic reading task. *Speech Communication*, v. 131, 2021.

CUMMINS, F. *The Ground from Which We Speak: Joint speech and the collective subject*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2018.

CUMMINS, F. On synchronous speech. *Acoustic Research Online*, v. 1, n. 3, p. 7-11, 2002.

CUMMINS, F. Practice and performance in speech produced synchronously. *Journal of Phonetics*, v. 31, n. 2, p. 139-148, 2003.

RAPOSO-DE-MEDEIROS, B.; CUMMINS, F. Speech and song synchronization: A comparative study. *Proc. Speech Prosody*, 2014.

CUMMINS, F. Periodic and aperiodic synchronization in skilled action. *Frontiers in Human Neuroscience*, v. 5, 2011.

SIQUEIRA, V. P.; RAPOSO-DE-MEDEIROS, B. Synchronous speech and semantic incongruity: what do outliers tell us about it? *Proc. Speech Prosody*, 2022.

SIQUEIRA, V. P. *Fala sincronizada e expectativa semântica: um estudo sobre a interação entre a produção da fala e o nível semântico da linguagem*. 2021. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A PERCEPÇÃO DE ENCONTROS CONSONANTAIS FONOTATICAMENTE PROIBIDOS, AUSENTES OU RAROS POR FALANTES ADULTOS BRASILEIROS

Andressa Toni (Unicentro)

Este trabalho tem como objetivo analisar os mecanismos de reparo fonotático à percepção de palavras inventadas contendo encontros consonantais proibidos, raros e/ou ausentes em Português Brasileiro. Visamos analisar a aplicação de apagamentos, metáteses, de epênteses (discutindo a qualidade e posição da vogal) e demais estratégias que surgem como forma de reparar a presença de uma consoante perdida na silabificação (nos termos de Collischonn, 1996). Seis tipos de encontros consonantais foram analisados, controlando sua frequência lexical e padrão de sonoridade: Sonoridade descendente (/rt, lb/); Sonoridade Ascendente (/bn, jr/); Sonoridade Plateau (/xl, ft/); Frequência Marginal (tl, dl, vl/); Baixa frequência (/kl, gl, dr/); Alta frequência – controle (/tr, pr, br/). As frequências foram determinadas segundo uma contagem de tipos silábicos no *Corpus ABG* de fala adulta (Benevides; Guide, 2017) e o contorno de sonoridade seguiu o padrão obstruinte > nasal > líquida > vogal. Questionamos, em especial, se todos os falantes adultos de PB apresentariam o mesmo padrão epentético nestes encontros consonantais proibidos – um padrão que necessita ser adquirido via evidência negativa indireta – ou se apresentariam padrão aleatório pela escassez de *input* na língua. Participaram do estudo 25 estudantes entre 14 e 43 anos (média 22,8 anos), sendo vinte e quatro universitários pertencentes aos cursos de Enfermagem, Matemática e Letras da Universidade de São Paulo, e dois estudantes de cursinhos vestibulares. O experimento de percepção foi realizado no formato *Forced Choice Task* via *software PsychoPy*, medindo tanto a taxa de respostas quanto o tempo de reação. Os resultados apontam que o padrão de sonoridade e a frequência são fatores significativos para a percepção silábica. Além disso, notamos percepção de diferentes reparos fonotáticos a depender do encontro analisado, ora com respostas concentradas em reparos específicos, ora com grande variação interindividual.

A PERCEPÇÃO DOS FONEMAS NASAIS NA LÍNGUA INGLESA POR FALANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Patrícia Minelly da Paz Melo (UFC)

Ronaldo Mangureira Lima Júnior (UnB/UFC/CNPq)

Este estudo tem como objetivo principal analisar a influência do português do Brasil como língua materna, em especial de sua gramática fonológica, no desenvolvimento da produção das consoantes nasais do inglês em coda. A escolha desse tema surgiu do interesse e da experiência profissional da primeira autora, como professora de língua inglesa, ao observar como os alunos tendem a pronunciar esses sons como vogais nasalizadas, como é comum na posição de coda em português do Brasil. Partindo do pressuposto de que línguas são sistemas dinâmicos complexos (De Bot, 2008; Larsen-Freeman, 1997), o processo de desenvolvimento de uma língua não nativa tem a tendência de ter como estado inicial os aspectos fonológicos da língua materna (LM), cujos protótipos fonológicos funcionam como atratores (Lima Jr. *et al.*, 2024). Ou seja, ao tentar produzir um som de uma nova língua, o aprendiz tende a produzi-lo como o protótipo mais próximo (Flege; Bohn, 2021). A proposta inicial é de se coletar dados de produção de aprendizes brasileiros de diferentes níveis de proficiência e realizar uma análise acústica de suas produções, verificando, principalmente, se as produções das consoantes nasais em coda têm natureza consonantal ou vocálica. Os dados acústicos serão submetidos à análise estatística por meio de modelos de regressão de efeitos mistos. Nesta apresentação, são expostas as propostas metodológicas da pesquisa, antes da coleta de dados, a fim de se obter retorno de especialistas da área, com tempo hábil para sua aplicação antes da coleta de dados ser iniciada.

Referências

DE BOT, K. Introduction: Second language development as a dynamic process. *The Modern Language Journal*, v. 92, n. 2, p. 166-178, 2008.

FLEGE, J. E.; BOHN, O.-S. The revised speech learning model (SLM-r). *In: WAYLAND, R. (org.). Second language speech learning: theoretical and empirical progress*. Cambridge: Cambridge University Press Cambridge, UK, 2021. p. 3-83.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied linguistics*, v. 18, n. 2, p. 141-165, 1997.

LIMA JR., R. M.; ALVES, U. K.; SILVEIRA, R.; KUPSKE, F. F.; KLUGE, D. A Teoria de Sistemas Dinâmicos Complexos e o desenvolvimento sonoro de línguas não nativas: implicações para a pesquisa e o ensino. *Revista da ABRALIN*, v. 23, n. 1, 2024. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/2253>. Acesso em: 2 jun. 2024.

A PERSEVERAÇÃO E NÃO PERSEVERAÇÃO DE BOIAS DE LISTAGEM NA LIBRAS

Ronaldy Pavão Heitkoetter (UFPR)

André Xavier (UFPR)

Segundo Liddell (2003), boias de listagem são empregadas geralmente quando o sinalizante quer se referir a mais de um referente em sequência. Heitkoetter e Xavier (2020, 2021) realizaram um estudo detalhado de boias de listagem na libras, com base em dados coletados de vídeos do YouTube de dois sinalizantes surdos paranaenses, um homem e uma mulher. Com esses estudos, os autores mostram que tais construções podem ser de diferentes tipos, a saber, fixas, sequenciais e mistas com ou sem perseveração, ou seja, com ou sem a manutenção da mão não dominante articulando a boia de listagem durante a produção de outros sinais pela mão dominante. Este trabalho, um recorte de Heitkoetter (2024), objetiva apresentar um aprofundamento das análises anteriores, reportando especificamente os resultados obtidos em relação à perseveração. Precisamente, objetivamos mostrar a influência da quantidade de sinais empregados para definir os itens listados, bem como de seu número de mãos (uma ou duas mãos) na ocorrência ou não de perseveração. Os resultados obtidos mostram, tanto nos dados do homem quanto nos da mulher, que há maior frequência de sinais monomanuais quando há perseveração. Isso é esperado, uma vez que, assim, a mão não dominante fica livre para continuar produzindo a boia de listagem. Entretanto, apenas nos dados da mulher houve maior frequência de sinais bimanuais nos casos em que não houve perseveração. Embora isso explique, no caso da mulher, por que as boias não perseveraram (a mão não dominante foi requerida para articular outros sinais), mais estudos são necessários para verificar porque isso não se deu nos dados do homem.

Referências

HEITKOETTER, R. P. *Descrição e análise de aspectos formais de boias de listagem em libras*. 2024. 66 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2024.

HEITKOETTER, R. P.; XAVIER, A. N. Estudo comparativo de boias de listagem em produções de dois sinalizantes surdos paranaenses. *Interletras*, v. 11, ed. 36, p. 1-15, 2022.

HEITKOETTER, R. P.; XAVIER, A. N. Descrição e análise de boias de listagem em Libras. *Humanidades e inovação*, v. 7, n. 26, p. 85-111, 2020. Disponível em: <https://urlis.net/u8cip5rr>. Acesso em: 10 fev. 2021.

LIDDELL, S. K. *Grammar, Gesture, and Meaning in American Sign Language*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

A PRODUÇÃO DE VOGAIS DESVOZEADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Mendes Cantoni (UFMG)

As vogais são sons que geralmente ocorrem com vozeamento, mas, em algumas línguas e contextos, podem ser desvozeadas. Neste caso, envolvem ajustes fonatórios graduais que vão desde a voz soprosa até a fonação completamente ausente. Em línguas como o japonês (Fujimoto, 2015), o desvozeamento vocálico é bem documentado e perceptível pelos ouvintes. Em português, as vogais desvozeadas são pouco notadas, foram abordadas por poucos estudos, baseados em um número limitado de falantes (Meneses, 2012; Meneses; Albano 2015; Cantoni, 2018). Este trabalho propõe uma avaliação de vogais desvozeadas no português brasileiro, examinando como esses sons são produzidos. Um experimento foi realizado para avaliar a hipótese principal de que a produção desvozeada é favorecida em sílabas átonas, fronteiras de palavra, fronteira de sentença, vogais altas, depois de uma consoante desvozeada e depois de uma fricativa. A partir de produções de leitura de 13 participantes (9 F, 4 M) da variedade de Minas Gerais, as seguintes características acústicas foram usadas para examinar o grau do desvozeamento vocálico: inclinação espectral, CPP, HNR e f0. Também foram avaliadas a duração, F1 e F2 como características secundárias, associadas à manifestação do acento de palavra. Os resultados indicam a relevância do contexto átono e do final de sentença para o desvozeamento vocálico e a prevalência de desvozeamento em vogais altas e adjacentes a consoantes não vozeadas. Outros resultados de destaque incluem o desvozeamento de consoantes vozeadas adjacentes a uma vogal desvozeada. As gravações obtidas neste estudo foram usadas em um estudo de percepção subsequente, que mostra a relevância do desvozeamento vocálico para o processamento da fala.

Referências

CANTONI, M. M. Phonatory and Acoustic Gradualness of Devoiced Vowels in Brazilian Portuguese. 6th EICEFALA – International Meeting on Speech Sciences, 2018.

FUJIMOTO, M. Vowel devoicing. In: KUBOZONO, H.. *Handbook of Japanese Phonetics and Phonology*. Berlin/Boston/Munich: De Gruyter Mouton. v. 2, ch 4.

MENESES, F. O. *As vogais desvozeadas no Português Brasileiro*: investigação acústico-articulatória. Unpublished doctoral dissertation – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

MENESES, F. O.; ALBANO, E. C. From reduction to apocope: Final post-stressed vowel devoicing in Brazilian Portuguese. *Phonetica*, v. 72, p. 121-137, 2015.

A SÍLABA NO ANGOLAR MODERNO

Manuele Bandeira (Unilab)

Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

O angolar, uma língua nativa da República de São Tomé e Príncipe, compartilha sua ancestralidade com o protocioulo do Golfo da Guiné (PGG) (Bandeira, 2017). Este estudo tem como propósito central explorar a sílaba do angolar à luz da Teoria da Sílaba, conforme Selkirk (1982). Embora uma parcela significativa da população de São Tomé e Príncipe utilize o angolar, a língua carece de estudos sistemáticos a respeito de sua fonologia. Diante disso, esta pesquisa buscou atingir os seguintes objetivos: (i) descrever o *onset*, o núcleo e a coda do angolar; (ii) observar como a sílaba se comporta em relação aos Princípios de Sonoridade. Para análise, consideramos os dados coletados por meio de gravações espontâneas (1.524 dados de aproximadamente 2.900 itens dos *corpora* de 2014 e 2018), com participantes bilíngues que têm o angolar como primeira língua. Com base nos resultados do levantamento automático de sílabas realizado pelo *software* Dekereke (Casali, 2020), o angolar exhibe os seguintes tipos de sílabas: V ([u.'fwa] “odor”), CV ([do.'to.lu] “médico”), CGV ([kwe.lu] “coelho”), CCV ([fla.ku] “fraco”), CVC ([a.mis.tra.'sõ] “administração”), VC ([os.te] “ostra”) e VG ([aw.to ka.ru] “ônibus”). De modo geral, o angolar antigo apresentava, em seu inventário, um favorecimento por sílaba com *onsets* simples e sílabas leves/abertas (isto é, sem rima ramificada). A coda do angolar era refratária ao preenchimento, permitindo apenas poucos elementos, como a consoante nasal e a consoante fricativa alveolar /S/, realizada como [s] ou [ʃ] (Bandeira, 2017, Bandeira *et al.*, 2021). A configuração silábica foi modificada ao longo do tempo, posto que a coda pode não só ser preenchida por fricativas como [s, ʃ], mas também por lateral [l], nasais [n, ŋ, m] e glides [j] e [w], o que se mostra de acordo com a escala de sonoridade e a noção de ciclo de soância.

Referências

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BANDEIRA, M.; AGOSTINHO, A. L.; FREITAS, S. Aspectos fonético-fonológicos do angolar moderno. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, 2021. DOI: [10.1590/1981-5794-e13177](https://doi.org/10.1590/1981-5794-e13177).

CASALI, R. *Dekereke*: phonology software. Disponível em: <https://casali.canil.ca/>. Acesso em: 05 out. 2022.

SELKIRK, E. The syllable. *In*: HULST, H. V. D.; SMITH, N. (ed.). *The structure of phonological representations: Part 2*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-384.

BLEND S DO PORTUGUÊS BRASILEIRO TÊM DOIS ACENTOS PRIMÁRIOS: UMA ABORDAGEM ACÚSTICA

Emerson Viana Braga (UESB/UNEB)

Vera Pacheco (UESB/CNPq)

Neste trabalho, o foco está na análise da pauta acentual de *blends* do português brasileiro a partir dos estudos da Fonética Acústica. O *blend* é uma operação morfológica complexa que resulta da combinação entre duas palavras (Braga, 2023), caracterizada pela supressão de material fonológico na mescla entre as bases, como ocorre, por exemplo, em *matel* (*mato* + *motel*), *bicitáxi* (*bicicleta* + *táxi*) e *roubartilhar* (*roubar* + *compartilhar*). Estes *blends*, embora formados pelo mesmo padrão morfológico, apresentam diferença no seu padrão fonológico. No PB, Gonçalves (2003) e Andrade (2008) apresentam propostas contundentes para esses diferentes padrões fonológicos. Gonçalves (2003) afirma que o primeiro exemplo é formado com semelhança fônica entre as bases, chamado de interposição lexical, enquanto o segundo é formado sem semelhança fônica, conhecido como combinação truncada. Acerca do terceiro exemplo, Andrade (2008) argumenta que uma palavra invasora é sobreposta numa palavra alvo. Este padrão leva o nome de substituição sublexical. Tendo em vista esses diferentes padrões fonológicos dos *blends*, então, levantou-se a hipótese de que os padrões apresentariam distintas estruturas acentuais, seguindo a proposta de Schwindt (2000) sobre composição prosódica: padrões de interposição lexical e substituição sublexical tenderiam a ter um único acento primário, enquanto o padrão de combinação truncada tenderia a ter dois acentos primários. Para investigar essa hipótese, realizou-se um experimento acústico para medir a duração relativa das sílabas dos *blends* e, em seguida, uma análise multivariada por meio de conglomerados para avaliar a distância entre sílabas tônicas e átonas dos *blends*. Os resultados indicaram uma tendência geral no algoritmo acentual dos *blends* do português brasileiro, independentemente de seu tamanho ou padrão fonológico de formação. Aparentemente, o falante nativo parece acessar questões acentuais na criação de um *blend*.

Referências

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. 2008. 131 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRAGA, E. V. *Blend, “a mistura que todo mundo gosta!”: uma blendescrição do processo no léxico do português brasileiro*. 2023. 169 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

GONÇALVES, C. A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas*, Juiz de Fora: UFJF, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 149-167, 2003.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no Português Brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. 192 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2000.

COMPLEXIDADE SILÁBICA E POSIÇÃO DO SEGMENTO NA SÍLABA SÃO RELEVANTES PARA A MANIFESTAÇÃO DO ACENTO DE PALAVRA

Vitor Antônio Morais Prado (UFMG)

Este trabalho analisa o efeito de complexidade silábica e de posição segmental na sílaba nos padrões de duração associados ao acento de palavra no português brasileiro (PB). Estudos sobre acento analisam predominantemente sílabas CV (Mousikou; Strycharczuk; Rastle, 2024; Vogel; Athanasopoulou; Pinkus, 2016; Cantoni, 2013), focando-se no conteúdo vocálico da sílaba. Argumentamos que a duração das sílabas acentuadas em relação às átonas depende do molde silábico, assim como a duração dos segmentos acentuados depende de sua posição na sílaba, conforme a Fonologia Gestual (FG) (Browman; Goldstein, 1986). Para a FG, o início de articulação gestual em ataques complexos – mas não em codas – segue um alinhamento em torno de um *c-center*, fato que altera o início de articulação dos gestos e, portanto, a sua duração (Hall, 2010). Considerar segmentos não-nucleares permite averiguar a interação entre o alinhamento em *c-center* e o acento de palavra. Foi feito um experimento com cinco falantes do PB. A tarefa consistiu na leitura de 264 frases com palavras-alvo contendo sílabas de moldes C(C)V(C), tanto tônicas quanto postônicas e iniciadas por consoantes de diferentes características articulatorias. A vogal-núcleo foi sempre [a] ou [e]. Para tornar mais clara a interpretação do problema, a variável dependente, duração, foi transformada em taxa de duração entre elementos postônicos e tônicos correspondentes. Resultados preliminares apontam que sílabas tônicas CV são 67% maiores que seu pares átonos. Os outros moldes apresentaram taxas menores: 54% (CVC); 51% (CCV) e 41% (CCVC). Ainda, uma consoante tônica em ataque é 33% maior do que seu par átono, enquanto uma em coda é somente 10% maior. Esses resultados corroboram a hipótese de que a complexidade do molde silábico e a posição do segmento interagem com a manifestação do acento de palavra.

Referências

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. M. Towards an articulatory phonology. *Phonology*, v. 3, n. 1, p. 219-252, 1986.

CANTONI, M. M. *O acento no Português Brasileiro: uma abordagem experimental*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

HALL, N. Articulatory Phonology. *Language and Linguistics Compass*, v. 4, n. 9, p. 818-830, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1749-818X.2010.00236.x>.

MOUSIKOU, P.; STRYCHARCZUK, P.; RASTLE, K. Acoustic correlates of stress in speech perception. *Journal of Memory and Language*, v. 136, p. 104509, 2024.

VOGEL, I.; ATHANASOPOULOU, A.; PINKUS, N. Prominence, contrast, and the functional load hypothesis: An acoustic investigation. *In: HEINZ, J.; GOEDEMANS, R.; HULST, V. de. (ed.). Dimensions of Phonological Stress*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 123-167.

DENSIDADE TONAL EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP/CNPq)

O objetivo deste trabalho é o estudo da densidade tonal nas variedades de português brasileiro (PB) faladas em São Paulo (SP), João Pessoa (PBA) e Porto Alegre (RGS). Definimos densidade tonal como a proporção de acentos tonais por palavra prosódica (PW) em um enunciado. Conforme a literatura fonológica sobre entoação em português, a densidade tonal é um dos aspectos que pode diferenciar variedades de português (Frota; Vigário, 2000; Cruz, 2013; Cruz; Frota, 2013; Frota *et al.*, 2015; Castelo, 2016; entre outros). Temos como intuito verificar se esse é um aspecto prosódico que pode diferenciar as variedades dialetais brasileiras por nós abordadas. A metodologia empregada consiste: (i) na transcrição tonal, com base nos pressupostos da Fonologia Entoacional (Pierrehumbert, 1980; Beckman; Pierrehumbert, 1986; Ladd 1996, 2008), dos acentos tonais associados às PWs de enunciados dessas variedades e relativos a um *corpus*, adaptado para o PB, constante do *Romance Languages Database* – RLD (D’Imperio *et al.*, 2005; Elordieta; Frota; Vigário, 2005; Frota; Cruz; Vigário, 2011); e (ii) na quantificação dos acentos tonais e no cálculo da densidade tonal nos dados. Os resultados encontrados revelam: (i) alta densidade tonal nos enunciados das três variedades dialetais abordadas; (ii) diferenças quanto à densidade tonal do sujeito e do predicado nos dados das três variedades, sendo a densidade tonal das PWs que compõem o sujeito maior do que a densidade tonal das PWs que compõem o predicado, como atestado previamente por Fernandes-Svartman e Romano (2017) para dados de SP; e (iii) densidade tonal ligeiramente maior nos dados de PBA comparada às outras variedades. Os resultados relativos às diferenças entre a densidade tonal do sujeito e do predicado em nossos dados vão em direção ao que afirmam Fernandes-Svartman e Romano (2017) sobre a relevância da posição de sujeito em PB, marcada de maneira proeminente em termos prosódicos.

Referências

BECKMAN, M.; PIERREHUMBERT, J. Intonational Structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n. 3, p. 255-310, 1986.

CASTELO, J. *A entoação dos enunciados declarativos e interrogativos no português do Brasil: uma análise fonológica em variedades ao longo da costa atlântica*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016.

CRUZ, M. *Prosodic variation in European Portuguese: Phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

CRUZ, M.; FROTA, S. On the relation between intonational phrasing and pitch accent distribution: Evidence from European Portuguese varieties. *Proceedings of the 14th Annual Conference of the International Speech Communication Association (Interspeech 2013)*. Lyon, France, 2013, p. 300-304.

D'IMPERIO, M.; ELORDIETA, G.; FROTA, S.; PRIETO, P.; VIGÁRIO, M. Intonational Phrasing in Romance: The role of prosodic and syntactic structure. *In: FROTA, S.; VIGÁRIO, M.; FREITAS, M. J. (ed.). Prosodies. Phonetics & Phonology Series*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 59-97.

ELORDIETA, G.; FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Subjects, objects and intonational phrasing in Spanish and Portuguese. *Studia Linguistica*, v. 59, n. 2-3, p. 110-143, 2005.

FERNANDES-SVARTMAN, F.; ROMANO, N. Fatores determinantes na associação tonal em sentenças neutras do português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 59, n. 3, p. 537-553, 2017.

FROTA, S.; CRUZ, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P.; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.) Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015a. p. 235-283.

FROTA, S.; CRUZ, M.; VIGÁRIO, M. *RLD – Romance Languages Database: Inline database for intonational phrasing in Romance*. Version 1.0. Laboratório de Fonética (CLUL), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <http://rld.letras.ulisboa.pt/>. Acesso em: 24 out. 2024.

FROTA, S.; VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. *In: CASTRO, R. V.; BARBOSA, P. (org.). Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra: APL, 2000. v. 1, p. 533-555.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1980.

DESENVOLVIMENTO DA FLUÊNCIA DO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL (PLA) POR UM FALANTE ARGENTINO: ANÁLISE A PARTIR DAS CARACTERÍSTICAS ACÚSTICAS *BREAKDOWN*, *SPEED* E *REPAIR FLUENCY* E COMPARAÇÃO DESSES PARÂMETROS COM UM FALANTE BRASILEIRO

Ubiratã Kickhofel Alves (UFRGS/CNPq)

Pollianna Milan (UFPR)

Este estudo analisa o desenvolvimento da fluência de fala espontânea de um aprendiz argentino de português (L3) em imersão. A fluência é definida como o controle que os aprendizes de línguas exercem sobre os sistemas linguísticos em desenvolvimento, o que se reflete na velocidade e eficiência com que essas informações são implementadas na fala, resultando em uma comunicação compreensível (Housen; Folkert; Vedder, 2012). Diversos autores (Saito *et al.*, 2018; Skehan, 2003, 2014; Tavakoli; Skehan, 2005; Bosker *et al.*, 2013) têm defendido que a fluência é uma combinação de percepção e outros subconstructos como *breakdown*, *speed* e *repair fluency*. O *breakdown* leva em consideração a quantidade, a localização e a duração das pausas (silenciosas e preenchidas) durante a comunicação. O *speed fluency* se refere à taxa e à densidade das unidades linguísticas produzidas (nem pausado nem rápido demais). O *repair fluency* avalia a quantidade de correções e repetições que ocorrem na fala. Para a análise desses subconstructos, foram coletados 24 áudios de 8 minutos cada, gravados a cada 15 dias entre outubro de 2018 e setembro de 2019, no terceiro ano do informante argentino em imersão no Brasil. A partir do que sugerem Saito *et al.* (2018) e Bosker *et al.* (2013), foram calculadas, em cada gravação, as taxas dos três subconstructos em questão e esses dados também foram comparados aos dados de fala de um brasileiro. Os índices foram observados a partir de uma análise dinâmico-complexa de processo (Lowie, 2017), buscando verificar alterações de variabilidade ao longo do tempo (Verspoor; Lowie; De Bot, 2021). Os resultados apontam para alterações na trajetória desenvolvimental do aprendiz, demonstrando que esse se encontra “experimentando” novas estratégias de oralidade para manter a fluência. Além disso, o falante argentino possui taxas de fluência descritivamente diferentes das do falante brasileiro.

Referências

BOSKER, H. R.; PINGET, A. F.; QUENE, H.; SANDERS, T.; JONG, N. H. What makes speech sound fluent? The contributions of pauses, speed and repairs. *Language Testing*, v. 30, n. 2, p. 159-175, 2013.

HOUSEN, A.; FOLKERT, K.; VEDDER, I. Complexity, accuracy and fluency: Definitions, measurement and research. *In*: HOUSEN, A.; FOLKERT, K.; VEDDER, I. (ed.). *Dimensions of L2 Performance and Proficiency Complexity, Accuracy and Fluency in SLA*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012. p. 1-20.

LOWIE, W. Lost in state space? Methodological considerations in Complex Dynamic Theory approaches to second language development research. *In*: ORTEGA, L.; HAN, Z. H. (ed.). *Complexity Theory and Language Development: in celebration of Diane Larsen-Freeman*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017. p. 123-141.

SAITO, K.; ILKAN, M.; MAGNE, V.; TRAN, M.; SUZUKI, S. Acoustic characteristics and learner profiles of low, mid and high-level second language fluency. *Applied Psycholinguistics*, v. 39, n. 3, p. 593-617, 2018.

SKEHAN, P. *Processing perspectives on task performance*. Amsterdam: John Benjamin, 2014.

TAYLOR, W. *Change-Point Analysis: A Powerful New Tool For Detecting Changes*. 2000. Disponível em: <https://variation.com/change-point-analysis-a-powerful-new-tool-fordetecting-changes/>. Acesso em: 24 out. 2024.

Van DIJK, M.; VERSPOOR, M.; LOWIE, W. Variability and DST. *In*: VERSPOOR, M.; de BOT, K.; LOWIE, W. (ed.). *A Dynamic Approach to Second Language Development: methods and techniques*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011. p. 55-84.

VERSPOOR, M.; LOWIE, W.; DE BOT, K. Variability as normal as apple pie. *Linguistic Vanguard*, v. 7, 2021.

EFEITOS DA FRONTEIRA DE PALAVRAS NA PROEMINÊNCIA INICIAL DE ENUNCIADO

Luciana Lucente (UFMG)

Vitor Antônio Moraes Prado (UFMG)

Este estudo foca na observação da produção de diferentes padrões entoacionais na realização do acento inicial ou secundário no português brasileiro (PB) observados em enunciados declarativos baseando-se na posição do acento lexical em relação ao início desses enunciados. De acordo com o sistema DaTo de notação (Lucente, 2012, 2022), no PB, o contorno entoacional >LH, presente no início de enunciados declarativos, se associa a palavras contendo até 2 sílabas pretônicas. Dados de fala espontânea indicam que, quando o número de sílabas pretônicas na palavra aumenta, esse padrão tende a variar para o contorno entoacional HLH, apresentando um pico alinhado à sílaba tônica e outro alinhado à primeira sílaba da mesma palavra (Lucente, 2017). Para investigar a consistência na transição de >LH para HLH, de acordo com o aumento de sílabas pretônicas, foram gravados e analisados enunciados com palavras alvo contendo números crescentes de sílabas pretônicas. Nesse contexto, também foi observado o efeito do número crescente de sílabas pretônicas, quando há fronteira entre palavras. Os resultados demonstram que o contorno HLH emerge em palavras-alvo com 3 ou mais sílabas pretônicas e sugerem que, ao lidar com um número crescente de sílabas pretônicas, os falantes fazem ajustes no contorno entoacional até alcançar o padrão de HLH. Esses ajustes podem ser interpretados como variabilidade no padrão entoacional esperado. No entanto, ao comparar tais achados com os dos dados contendo fronteira entre palavras, observou-se um contorno entoacional similar ao do contorno HLH, composto por dois contornos >LH sucessivos, alinhados às sílabas tônicas. Tais observações indicam não haver variabilidade em termos de acentuação secundária, e sim necessidade de ajustes que levem à produção de um pico de f_0 nas sílabas iniciais dos enunciados declarativos, alinhando-se a investigações que sugerem que o acento secundário se manifestaria entoacionalmente como uma proeminência inicial de frase (Arantes, 2024).

Referências

ARANTES, P. *Padrões entoacionais e acento secundário em português brasileiro: análise por normalização temporal e pontos extremos*. No prelo. 2024.

LUCENTE, L. *Aspectos dinâmicos da fala e da entoação do português brasileiro*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

LUCENTE, L. Introdução à análise entoacional. *In*: FREITAG, R. M. K.; LUCENTE, L. (ed.). *Prosódia: pesquisa e ensino*. São Paulo: Blucher, 2017.

LUCENTE, L. Notação entoacional. *In*: OLIVEIRA Jr., M. (ed.). *Prosódia, prosódias*. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

EFEITOS DO DETALHE FONÉTICO NA PERCEPÇÃO ILUSÓRIA DA VOGAL [ɪ] ÁTONA FINAL

Matheus Freitas (UFMG)

Este trabalho investiga como o detalhe fonético caracteriza a percepção da vogal [ɪ] átona final no português brasileiro (PB) (ex.: *leque* > ['lɛ.k(ɪ)]). Argumenta-se que reajustes fonéticos típicos do fenômeno na produção afetam a percepção ou não da vogal final. A realização de consoantes em final de sílaba apresenta restrições no PB. É esperada, salvas poucas exceções, a epêntese de uma vogal após consoantes em final de sílaba. A epêntese pode se refletir perceptualmente como um efeito de percepção ilusória de vogais, i.e., a identificação de vogais sem correlato articulatorio-acústico de sua produção (Dupoux *et al.*, 1999). É também atestada no PB a apócope da vogal [ɪ] átona final. Há evidência de que a apócope se implemente de modo foneticamente gradual, sendo expressa pelo aumento da duração de intervalos de ruído da consoante precedente à vogal final (Meneses; Albano 2015). Foi avaliado experimentalmente como tal reajuste duracional, na composição acústica da palavra, afetaria a percepção ilusória da vogal. Testou-se a hipótese de que o alongamento da consoante precedente, reportado na produção, facilitaria a identificação de uma vogal [ɪ] átona final. O experimento de percepção consistiu em uma tarefa de contagem de vogais em logatomas sob três configurações acústicas diferentes: vogal presente e ruído regular; vogal ausente e ruído regular; e vogal ausente e ruído estendido. Os dados foram coletados de vinte participantes naturais de Belo Horizonte – MG. Os resultados indicaram que a percepção ilusória é prevalente na amostra de dados e que a duração estendida da consoante final favorece a identificação de uma vogal final sem correlato articulatorio-acústico em comparação a casos cuja duração é regular. A discussão proposta se alinha a evidências de que a granularidade fonética deve ser incorporada às análises de percepção de fala (Clopper; Pisoni 2008).

Referências

CLOPPER, C.; PISONI, D. Perception of Dialect Variation. *In*: PISONI, D.; REMEZ, R. (ed.). *The Handbook of Speech Perception*. Malden: Wiley, 2008. p. 312-337.

DUPOUX, E.; KAKEHI, K.; HIROSE, Y.; PALLIER, C.; MEHLER, J. Epenthetic vowels in Japanese: A perceptual illusion? *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, v. 25, n. 1, p. 1568-1578, 1999.

MENESES, F.; ALBANO, E. From Reduction to Apocope: Final Poststressed Vowel Devoicing in Brazilian Portuguese. *Phonetica* (Basel), v. 72, p. 121-137, 2015.

ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A VOZ CREPITANTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Bárbara Godinho de Oliveira (UFMG)

Este trabalho procura caracterizar a ocorrência da voz crepitante em contexto linguístico no português brasileiro. Trata-se de um estudo exploratório que usa uma abordagem qualitativa de avaliação dos gráficos acústicos, do sinal glótico pelo eletroglotógrafo (EGG) e avaliações quantitativas para classificar os tipos de crepitação encontradas e entender os contextos que os condicionam. Foram avaliados dados de produção de um experimento com 10 participantes, em que foi possível encontrar 514 ocorrências da voz crepitante. A análise qualitativa dos dados obtidos aponta para a existência de tipos de voz crepitante distintos da voz crepitante prototípica, que podem apresentar medidas acústicas diferentes das esperadas para a crepitação prototípica. Na análise quantitativa, foram avaliados os parâmetros de frequência fundamental (f_0), inclinação espectral ($H1^*-H2^*$, $H2^*-H4^*$ e $H2k-H5k$), proeminência de pico cepstral (CPP), razão entre harmonicidade e ruído (HNR) e quociente de abertura (OQ). Os resultados obtidos indicam que a voz crepitante ocorre na fala típica, com uma taxa média de 1,48%, não havendo predomínio entre homens e mulheres ou posição prosódica. Há um favorecimento de voz crepitante pelas vogais [ɛ], [a] e [u] e em posição tônica, mas que devem ser interpretadas com cautela. As amostras com voz crepitante apresentam f_0 , CPP, $H1^*-H2^*$ e $H2^*-H4^*$ mais baixos do que as amostras com voz modal. A variabilidade encontrada nos valores de OQ pode indicar diferentes tipos de voz crepitante.

FONOLOGIA DE LABORATÓRIO NO BRASIL: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Daniel Nepomuceno Coutinho (UFMG)

Gabriel Eugenio Souza de Melo (UFMG)

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão sistemática de trabalhos de Fonologia de Laboratório relativos ao português brasileiro (PB). A Fonologia de Laboratório (Pierrehumbert; Beckman; Ladd, 2000) é uma abordagem metodológica que leva em consideração medidas fonéticas obtidas por meio de experimentos em que se controlam diversas variáveis, com o intuito de resolver problemas concernentes à teoria fonológica (Albano, 2017, p. 170). Buscando entender o estado atual da pesquisa em Fonologia de Laboratório no Brasil e indicar possíveis avanços futuros, realizamos um levantamento de trabalhos em PB na plataforma Google Acadêmico, com a busca do termo “fonologia de laboratório”, entre aspas, excluindo citações, que retornou 160 resultados. Desses, 49 são artigos, dissertações ou teses de cunho experimental, com participantes falantes do PB como L1. Tais trabalhos foram identificados através de consulta manual a cada um deles, por meio da qual coletaram-se informações sobre diversos aspectos teórico-metodológicos, como o referencial teórico utilizado, o procedimento de coleta de dados adotado, o número de participantes do experimento, entre outros. Além disso, foram obtidas as informações de ano de publicação, periódico e nome da instituição de vínculo dos autores. Da observação dos trabalhos, podemos destacar preliminarmente a cronologia das publicações, visto que eles se concentram – mais de 70% dos resultados – nos últimos dez anos (2014-2023). Também se evidencia a preponderância dos experimentos de produção, em contraste aos de percepção, muito menos comuns nas investigações. Dos referenciais teóricos utilizados, três perspectivas teóricas despontam como as mais recorrentes. A dos Modelos Baseados no Uso, por exemplo, é base de quase a metade (47,27%) das pesquisas fonológicas realizadas. Por fim, sobressaem-se ainda a média do número de participantes dos experimentos – em torno de 20 pessoas cada –, e a massiva utilização de análise estatística, que está presente em 36 dos 49 trabalhos.

Referências

ALBANO, E. C. Fonologia de Laboratório. *In*: DA HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (org.). *Fonologia, Fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 169-182.

PIERREHUMBERT, J.; BECKMAN, M.; LADD, D. R. Conceptual Foundations of Phonology as a Laboratory Science. *In*: BURTON-ROBERTS, N.; CARR, P.; DOCHERTY, G. (ed.). *Phonological Knowledge: Its Nature and Status*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p. 273-303.

FORMAÇÃO DE CATEGORIAS FONOLÓGICAS DO INGLÊS POR APRENDIZES L2

Flora Dilza Ngunga (UFMG)

O português possui 7 vogais orais em sílaba tônica /i/, /e/, /ɛ/, /a/, /ɔ/, /o/ e /u/ (Camara Jr, 1970), enquanto, no inglês, o sistema fonológico das vogais é estimado em 11 /i/, /ɪ/, /ɛ/, /e/, /æ/, /u/, /ʊ/, /o/, /ɔ/, /ɑ/, /ʌ/ (Yavas, 2011). O português e o inglês apresentam inventários vocálicos que diferem pelas seguintes características: no inglês, podem ocorrer vogais longas ou breves (McMahon, 2020), enquanto, no PB, as vogais curtas e longas existem somente como alofones. Considerando as diferenças entre o inventário das duas línguas, é esperado que aprendizes brasileiros do inglês enfrentem dificuldades em adquirir o sistema vocálico da L2. É consenso na literatura que aprendizes utilizam as categorias fonéticas de sua L1 para identificar os sons da L2 (Flege, 1987). Como, então, aprendizes adquirem essas categorias da L2? O presente estudo busca investigar, qualitativamente e quantitativamente, as vogais do inglês produzidas por aprendizes do inglês como L2. Pretende-se observar se aprendizes diferenciam os pares longos e breves por meio da qualidade e quantidade. Um experimento foi realizado com 9 estudantes brasileiros de nível básico e oito de nível avançado. Sua produção de 85 palavras contendo as vogais simples do inglês foi comparada com a de oito falantes nativos. As medidas de F0, F1, F2, amplitude e duração foram avaliadas para determinar quais pistas acústicas são utilizadas para diferenciar as vogais e quais vogais são diferenciáveis na produção de cada grupo de aprendizes. Os resultados mostraram que os aprendizes utilizam inicialmente as mesmas categorias fonéticas e fonológicas da sua L1, mas gradualmente formam novas categorias fonológicas que não estão presentes em sua L1. A partir dos resultados encontrados, consideramos que a presente pesquisa pode contribuir com dados que revelam caminhos para construção de métodos que considerem o reconhecimento e a produção de vogais na L2.

Referências

CAMARA, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

FLEGE, J. E. The production of “new” and “similar” phones in a foreign language: Evidence for the effect of equivalence classification. *Journal of phonetics*, v. 15, n. 1, p. 47-65, 1987.

MCMAHON, A. *An Introduction to English Phonology 2nd edition*. Edinburgh University Press, 2020.

YAVAS, M. *Applied English Phonology*. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2011.

FRASEAMENTO PROSÓDICO E AUTISMO

Leandro Lisboa (UFRJ)

Carolina Serra (UFRJ)

Esta pesquisa, em desenvolvimento, tem como objetivo analisar o fraseamento prosódico de sentenças declarativas neutras de estrutura Sujeito-Verbo-Objeto (SVO), considerando a complexidade interna dos constituintes em relação ao número de sílabas e à ramificação sintática e prosódica (*corpus* adaptado do *Romance Languages Database* (RLD)). A pesquisa se apoia nos pressupostos da Fonologia Entoacional Autossegmental e Métrica (Pierrehumbert, 1980; Ladd, 2008) e da Fonologia Prosódica (Selkirk, 1984; Nespor; Vogel, 2008). Os dados são anotados entoacionalmente com base no P-ToBI (Frota *et al.*, 2015) e analisados no Praat (Boersma; Weenink, 2007). Dois participantes do Grupo Experimental (GE), entre 24 e 28 anos, do sexo masculino, naturais do Rio de Janeiro, leram um conjunto de 76 frases, em três sessões diferentes, com a ordem de apresentação randomizada. As amostras de áudio foram gravadas no Laboratório de Fonética Acústica da UFRJ. Nesta abordagem inédita, postulamos a hipótese de que o fraseamento prosódico na fala de adultos autistas será diferente ao já documentado para a fala típica, i.e., uma tendência de (SVO) fraseados em um mesmo IP, no português brasileiro (Serra, 2016; Fernandes-Svartman; Santos; Braga, 2018; Fernandes-Svartman *et al.*, 2022, entre outros). Apesar de ainda pouco investigado, estudos sobre o comportamento prosódico na fala de autistas têm crescido na última década, como apontam Lisboa e Roberto (2023), reportando, no português brasileiro, diferenças relativamente à fala típica. Lisboa (2024), por exemplo, identifica, na fala de adultos autistas, maior duração silábica, particularmente nas sílabas postônicas, e menor gama de variação de F0 nas porções pré-nuclear e nuclear de enunciados de diferentes tipos frásicos. Esperamos, com essa pesquisa, encontrar resultados que confirmem nossa hipótese sobre o fraseamento prosódico diferenciado na fala de autistas adultos, fornecendo maiores *insights* sobre a fala dessa população para uma maior inclusão educacional e adequação fonoaudiológica especializada.

Referências

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [programa computacional]. Version 6.0.09. 2007. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 24 out. 2024.

FERNANDES-SVARTMAN, F. R.; SANTOS, V.; BRAGA, G. Fraseamento prosódico em português. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 20 (esp.), p. 119-138, 2018.

FERNANDES, F. R.; BARROS, N.; SANTOS, V.; CASTELO, J. Intonational phrasing and nuclear configurations of SVO sentences across varieties of Portuguese. In: CRUZ, M.; OLIVEIRA, P.; FROTA, S. (ed.). *Prosodic variation (with)in languages: Intonation, phrasing and segments*. United Kingdom: Equinox Publishing, 2022. p. 182-218.

FROTA, S. *et al.* Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.). *Intonation in Romance*. New York: Oxford University, 2015. p. 235-283.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: CUP, 2008.

LISBOA, L.; ROBERTO, T. M. G. Estudos sobre prosódia e autismo pela abordagem da análise acústica: uma revisão narrativa. *Journal of Speech Sciences*, v. 12, p. e023002-e023002, 25 set. 2023.

LISBOA, L. *A prosódia na fala de adultos autistas: um estudo de dois casos*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 2006.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. 1980. Tese (Doutorado) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, Mass., 1980.

SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax: The Relation between Sound and Structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.

SERRA, C. A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no português do Brasil. *Journal of Speech Sciences*, Campinas, v. 5, n. 2, p. 47-86, 2021. DOI: [10.20396/joss.v5i2.15064](https://doi.org/10.20396/joss.v5i2.15064).

HARMONIA VOCÁLICA E O PARADIGMA VERBAL: UMA ANÁLISE INFERENCIAL SOBRE DADOS DO VARSUL

Isabela Prisco Petry (UFRGS)

Com o presente trabalho, objetiva-se analisar o papel do paradigma verbal sobre os verbos que sofrem harmonia vocálica variável (HVV). Fundamentando-se em Bisol (1981), Schwindt (1995) e Schwindt e Collischonn (2004), trata-se do fenômeno de assimilação regressiva HVV, em geral, caracterizado como o alçamento de uma vogal média pretônica /e, o/ motivado por uma vogal alta /i, u/ em sílaba subsequente (ex. costume~custume, seguia~siguia). Sob a hipótese de que a regra variável acesse informações de nível morfológico, descreve-se a ocorrência de HVV em verbos, considerando variáveis referentes ao paradigma verbal (ex. conjugação verbal, sufixo de modo-tempo-aspecto, entre outros). Além disso, verifica-se o papel da frequência lexical sobre o fenômeno, a partir da hipótese de que palavras de alta frequência sofrem mais harmonia vocálica do que as de baixa frequência (Phillips, 1984 *apud* Leal; Bisol, 2017; Bybee, 2001). A amostra analisada é a de Schwindt (1995), em que há dados do VARSUL provindos das três capitais do sul do Brasil. Compara-se o subconjunto dos verbos aos resultados obtidos por Schwindt (1995) para a amostra geral. Os resultados indicam que há pouca diferença entre o comportamento dos verbos e da amostra geral no que tange às variáveis linguísticas e extralinguísticas. Quanto às variáveis que respondem por aspectos do paradigma verbal, as variantes cujas desinências possuem vogal alta /i/ (ex. Pretérito Imperfeito, ‘comia’ e 3ª conjugação, ‘pedir’) tendem a apresentar maiores índices de HVV. Nessa etapa do trabalho, submetemos os dados a testes qui-quadrados, utilizando a Plataforma R, os quais resultaram em valores de $p < 0,05$ tanto para a significância da variável Pretérito Imperfeito quanto da 3ª conjugação. Pretendemos, em etapas futuras, realizar testes de regressão logística adequados que considerem efeitos mistos a fim de observar o comportamento das variáveis linguísticas, extralinguísticas e referentes ao paradigma verbal em conjunto.

Referências:

AKOGLU, H. User's guide to correlation coefficients. *Turkish Journal of Emergency Medicine*, 2018.

BISOL, L. *Harmonia vocálica: uma regra variável*. Porto Alegre, 1981.

BYBEE, J. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LEAL, E.; BISOL, L. Frequência de uso: tokens e types na harmonia vocálica. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, Novo Hamburgo, v. 15, p. 82-114, 2017.

PHILLIPS, B. S. Word Frequency and the Actuation of Sound Change. *Language*, v. 60, n. 2, p. 320-342, 1984.

R Core Team. R: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. 2022. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

SCHWINDT, L. C. *A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista*. 1995. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SCHWINDT, L. C. da S.; COLLISHON, G. Harmonia vocálica variável no sistema verbal do português do sul do Brasil. *Organon*, Porto Alegre, v. 18, n. 36, p. 73-81, 2004.

O DESENVOLVIMENTO DA OCLUSIVA GLOTA EM PALAVRAS COMPOSTAS DO ALEMÃO NA PERSPECTIVA DA EPISTEMOLOGIA DA COMPLEXIDADE

Michele Bruna de Sousa Silva Gal (UFPR)

Denise Cristina Kluge (UFRJ/UFPR)

Neste trabalho, que faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, discorreremos sobre o desenvolvimento oral da oclusiva glotal (Krech, 1968; Duden, 1990; Kohler, 1995; Dieling-Hirschfeld, 2000; Krech *et al.*, 2009; Pompino-Marschall, 2009; Fiukowski, 2010; Mayer, 2010; Hall, 2011, Ramers, 2015; Silva, 2021) em palavras compostas do alemão, na perspectiva da Epistemologia da Complexidade, da qual adotamos o conceito de língua como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC) (Larsen-Freeman, 1997; Larsen-Freeman, Cameron, 2008; Alves, 2015; Celce Mucia *et al.*, 2010; Beckner *et al.*, 2009; Leffa, 2016), por alunos de uma escola de ensino médio e profissionalizante da rede pública do estado do Ceará, situada na cidade de Fortaleza. A pesquisa se desenvolveu em um estudo longitudinal, e os indicadores gerados foram gravados de dezembro de 2022 a junho de 2023, com as gravações da leitura de 13 palavras (10 teste e 03 distratoras) dispostas em frase veículo. Nossa amostra foi constituída pela gravação de 12 alunos, entre 15 e 17 anos, cujo objetivo era observar o desenvolvimento da aprendizagem da oclusiva glotal antes (pré-teste), após (pós-teste) e depois de um tempo (teste postergado), em contato com a instrução explícita e exercícios sobre a oclusiva glotal, levando em conta as narrativas dos próprios alunos sobre seu desenvolvimento e observando as dúvidas e possíveis questões dentro do processo de aprendizagem. Trazemos uma análise do desenvolvimento da oclusiva glotal de um participante durante o percurso da pesquisa, bem como suas narrativas.

Referências

ALVES, U. C. Ensino de pronúncia em sala de aula: questões de discussão a partir de uma concepção de língua como sistema adaptativo complexo. *Revista Versalete*, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 392-413, jul./dez. 2015.

BECKNER, C.; ELLIS, N. C.; BLYTHE, R.; HOLLAND, J.; BYBEE, J.; KE, J.; CHRISTIANSEN, M. H.; LARSENFREEMAN, D.; CROFT, W.; SCHOENEMANN, T. Language is a Complex Adaptive System — Position Paper. *Language Learning*, v. 59, supl. 1, p. 01-26, 2009.

CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M.; GRINER, B. *Teaching Pronunciation: a course book and reference guide*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

DUDEN. *Das Aussprachewörterbuch*. Zürich: Dudenverlag, 1990.

FIUKOWISK, H. *Sprecherzieherisches Elementarbuch*. 8. neu bearb. Aufl. Tübingen: Niemeyer, 2010.

HALL, T. A. *Phonologie eine Einführung*. Berlin: de Gruyter, 2011.

HIRSCHFELD, U. Phonetik im Unterricht Deutsch als Fremdsprache für Brasilianer. In: BREDEMEIER, M. L.; KAUFMANN, G.; VOLKMANN, W. (ed.). *Alemán en América Latina: um diferencial com qualidade – Deutsch in Lateinamerika: die Qualität macht den Unterschied: Tagungsakten des V. Brasilianischen Deutschlehrerkongresses (=II. des Mercosul) in São Leopoldo*. São Leopoldo: ohne Verlag, 2003. p. 54-64.

KOHLER, K. *Einführung in die Phonetik des Deutschen*. Berlin: E. Schmeide, 1995.

KRECH, E.-M. *Sprechwissenschaftlich-phonetische Untersuchungen zum Gebrauch des Glottisschlageinsatzes in der allgemeinen deutschen Hochlautung*. Basel: Verlag S. Karger AG, 1968.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition. *Applied Linguistics*, v. 18, p. 141-165, 1997.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. Research methodology on language development from a complex systems perspective. *The modern Language Journal*, v. 92, n. 2, 2008.

LEFFA, V. J. ReVEL na Escola: Ensinando a língua como um sistema adaptativo complexo. *ReVEL*, v. 14, n. 27, 2016.

MAYER, J. *Linguistische Phonetik*. Stuttgart: Universität Stuttgart, 2010.

POMPINO-MARSCHALL, B. *Einführung in die Phonetik*. Berlin: de Gruyter 2009.

RAMERS, K. H. Phonologie. In: MEIBAUER, J.; DEMSKE, U.; GEILFUßWOLFFGANG, J.; PAFEL, J.; RAMERS, K. H.; ROTHWEILE, M.; STEINBACH, M. *Einführung in die germanistische Linguistik*. Deutschland: Stuttgart, 2015.

SILVA, M. B. S. S. G. *A percepção da oclusiva glotal em palavras compostas do alemão como língua adicional na perspectiva da Epistemologia da Complexidade*. 2021. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

O EFEITO DO TREINAMENTO PERCEPTUAL COM ESTÍMULOS SINTÉTICOS E NATURAIS NA IDENTIFICAÇÃO DAS VOGAIS /æ/ E /ɛ/ DO INGLÊS

Rosane Silveira (UFSC/CNPq)

Elisabeth Ann Bunch Oliveira da Rosa (UFSC)

A percepção é um componente crucial na aquisição de uma segunda língua (L2) no que diz respeito à comunicação oral. O contraste vocálico /æ-ɛ/ do inglês é particularmente difícil para alunos nativos do português brasileiro (PB), que tendem a perceber ambas as vogais como /ɛ/. O treinamento perceptual com estímulos sintéticos é uma forma de auxiliar os aprendizes de L2 na formação de novas categorias vocálicas. Estímulos sintéticos que controlam a duração das vogais podem ser especialmente eficazes para este tipo de treinamento, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de notar as pistas acústicas relevantes para perceber o contraste vocálico. O presente estudo investiga a eficácia de estímulos sintéticos *versus* naturais para treinamento perceptual visando identificar as vogais /æ-ɛ/. Cinquenta e seis brasileiros, aprendizes de inglês, participaram deste estudo. Esses participantes foram convidados a colaborar com a pesquisa através da plataforma Instagram. Os participantes tinham idade entre dezenove e quarenta e nove anos, e sua proficiência variava de iniciante a usuário proficiente de inglês como L2. Eles foram divididos em três grupos: experimental com treinamento perceptual com estímulos naturais, experimental com treinamento perceptual como estímulos sintéticos e grupo de controle (sem treinamento perceptual). Os participantes atribuídos ao grupo experimental com estímulos naturais receberam sessões de treinamento perceptual com gravações que não tiveram a duração das vogais-alvo alterada. Os participantes designados para o grupo experimental com estímulos sintéticos receberam sessões de treinamento perceptual com gravações que tiveram a duração das vogais-alvo alterada para 350ms. Todos os participantes realizaram um pré-teste, um pós-teste e um teste de percepção postergado para medir o desenvolvimento perceptual do contraste /æ-ɛ/ e o efeito do treinamento para os grupos experimentais. Os resultados indicam que o treinamento perceptual, tanto com estímulos sintéticos quanto naturais, é eficaz para a identificação de /æ-ɛ/.

OS EFEITOS DO APRENDIZADO DAS LETRAS <e, o> NA PRODUÇÃO ORAL DE VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E POSTÔNICAS FINAIS

Cecília Toledo (UFMG)

Este trabalho investigou a influência do aprendizado das letras <e, o> na produção variável de vogais médias e altas pretônicas (ex: [me'ninʊ] ~ [mi'ninʊ]) e postônicas finais (ex: ['pato] ~ ['patʊ]). Estudos já documentaram que, ao longo da escolarização, a escrita pode retroalimentar a fala, de modo que os indivíduos passam a produzir variantes fonéticas que se aproximam da forma ortográfica (Chevrot *et al.*, 2000; Schiwindt *et al.*, 2007; Adamoli, 2012). O presente estudo avança em relação à literatura precedente por observar os efeitos da escrita na fala em dois contextos acentuais distintos: pretônico e postônico final. Especificamente, buscou-se responder a seguinte pergunta: *o aprendizado das letras <e, o> motiva o aumento de vogais médias pretônicas e postônicas finais na oralidade?* Foram coletados, experimentalmente, dados de fala e de escrita de alunos do 1º, 3º, 5º, 7º e 9º anos do Ensino Fundamental de Belo Horizonte – MG. Os resultados mostraram que os aprendizes aumentam a pronúncia de vogais médias, em relação à pronúncia de vogais altas, em contexto pretônico, mas não em contexto postônico final. Ou seja, os aprendizes aumentaram o uso de formas como [me'ninʊ] ao longo dos anos escolares, mas não houve aumento de formas como ['pato]. Ancorando-nos nos Modelos de Exemplos (Johnson, 1997; Bybee, 2001; Pierrehumbert, 2001), argumentamos que o conhecimento ortográfico aprendido ao longo dos anos escolares pode auxiliar, probabilisticamente, na organização do conhecimento linguístico, contribuindo para o fortalecimento de categorias fonológicas. Contudo, como as categorias são múltiplas, probabilísticas e dinâmicas, é esperado que a ortografia opere de maneira específica em cada uma delas, dependendo de fatores como o contexto acentual, por exemplo.

Referências

ADAMOLI, M. A. *Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais*. 2012. 196 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

BYBEE, J. *Phonology and language use*. Cambridge, UK; New York: Cambridge University Press, 2001.

CHEVROT, J.-P; BEAUD, L.; VARGA, R. Developmental data on a French sociolinguistic variable: Post-consonantal word-final /R/. *Language Variation and Change*, v. 12, n. 3, p. 295-319, 2000.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization: An exemplar model. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (ed.). *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, 1997.

SCHIWINDT, L. *et al.* A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentares da escrita. *RevEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 5, n. 9, ago. 2007.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J. L.; HOPPER, P. J. (org.). *Typological Studies in Language*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. v. 45, p. 137. Disponível em: <https://benjamins.com/catalog/tsl.45.08pie>. Acesso em: 10 jul. 2021.

PROCESSAMENTO DE SENTENÇAS EXCLAMATIVAS E INTERROGATIVAS PARA O RECONHECIMENTO AUTOMÁTICO DE FALA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rian Pereira Fernandes (USP)

Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP/CNPq)

Esta pesquisa (processo FAPESP 2024/00536-2), que está vinculada ao projeto TaRSila, do Centro de Inteligência Artificial da USP, colaboração IBM/FAPESP/USP (processo FAPESP 2019/07665-4) (Cozman, 2019 – atual), tem como objetivos principais: (i) a identificação e análise descritiva dos dados com erros gerados pelo modelo Whisper (Radford *et al.*, 2022), no que tange à pontuação de sentenças exclamativas e interrogativas no português brasileiro; e (ii) a construção de um modelo de Reconhecimento Automático de Fala que apresente bom desempenho na utilização dessas pontuações. Em vista de atingir esses objetivos, a metodologia adotada envolve: (a) a compreensão do comportamento prosódico das sentenças exclamativas e interrogativas no PB, com base no estudo da entoação desses tipos frásicos, à luz do quadro teórico da Fonologia Entoacional (na linha de Beckman e Pierrehumbert (1986); Ladd (2008); Moraes e Colamarco (2008); Frota *et al.* (2015), Hayes e Lahiri (1991), entre outros), no *corpus* de fala do Museu da Pessoa, que contém 10 entrevistas, totalizando 16:48 horas, para o qual é gerada pontuação automática; (b) a verificação dos erros provenientes do modelo computacional, seguida de uma comparação com o resultado do estudo mencionado em (a), a fim de compreender a motivação de tais erros; e (c) um estudo sobre o funcionamento do modelo wav2vec 2.0 (Baevski *et al.*, 2020) para a posterior construção de um modelo eficiente para a pontuação de sentenças exclamativas e interrogativas no PB. Toma-se, por hipótese desta pesquisa, que a ocorrência dos erros de pontuação esteja relacionada, entre outros fatores, à dificuldade do modelo computacional lidar com questões linguísticas relativas à prosódia e à sintaxe dos tipos frásicos interrogativos e exclamativos. Nosso objetivo é confirmar ou refutar essa hipótese, com base na análise de erros das transcrições automáticas, e, visando à melhoria dessas transcrições, construir um modelo computacional que apresente melhor desempenho na tarefa em questão.

Referências

BAEVSKI, A. *et al.* wav2vec 2.0: A framework for self-supervised learning of speech representations. arXiv preprint. arXiv:2006.11477, 2020.

BECKMAN, M.; PIERREHUMBERT, J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, v. 3, n. 1, p. 255-309, 1986.

FROTA, S.; CRUZ, M.; FERNANDES-SVARTMAN, F.; COLLISCHONN, G.; FONSECA, A.; SERRA, C.; OLIVEIRA, P.; VIGÁRIO, M. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. *In*: FROTA, S.; PRIETO, P. (ed.). *Intonational variation in Romance*. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 235-283.

HAYES, B.; LAHIRI, A. Bengali intonational phonology. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 9, n. 1, p. 47-96, 1991.

LADD, R. *Intonational Phonology*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

MORAES, J. A.; COLAMARCO, M. Accommodation of intonational patterns in Brazilian Portuguese short utterances: compression or truncation? *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. *Contemporary Phonology in Brazil*. New England: Cambridge Scholars Publishing, 2008. p. 2-21.

RADFORD, A. *et al.* *Robust Speech Recognition via Large-Scale Weak Supervision*. arXiv preprint. arXiv: 2212.04356, 2022.

PROCESSOS FONOLÓGICOS E A ORTOGRAFIA NAS REDAÇÕES OFICIAIS DO ENEM

Luíza Vignoli Lacerda (UFMG)

A escrita é um direito previsto pela LDB (Brasil, 2017) e a ortografia, enquanto um componente da escrita, revela-se de suma importância para a consolidação deste direito. Em 2021, último ano de Ensino Remoto Emergencial no Brasil, houve um aumento na quantidade de erros ortográficos em relação ao ano de 2019 — ano precedente ao modelo de ensino virtual (Vignoli-Lacerda, 2024). Averiguou-se, também, que houve um crescente de erros ortográficos incentivados pela fala, segundo a classificação proposta por Oliveira (2005). Considerando que os processos fonológicos geralmente “envolvem a mudança ou o preenchimento de traços” (Hora; Magalhães, 2020), constata-se que tais processos estão presentes em uma considerável parte dos erros ortográficos encontrados. Isso é de relevante identificação para melhor direcionar o trabalho com ortografia na escola, e, assim, o direito previsto na LDB (Brasil, 2017) poderá ser melhor assegurado. Utilizou-se, na metodologia, de redações do Enem de 2021, já que essas avaliações permitiram avaliar os desvios de ortografia em âmbito nacional, em um contexto em que os candidatos buscam sua melhor performance para a obtenção de uma boa nota e, conseqüentemente, a possível entrada no Ensino Superior. Isso foi feito objetivando avaliar como os processos fonológicos influenciam a escrita ortográfica do estudante, com vistas a pensar em alternativas para um trabalho mais direcionado com a escrita. A abordagem da pesquisa é qualitativa (Paiva, 2019), e ela foi desenvolvida tendo como referencial teórico a Teoria dos Múltiplos Padrões Integrados (Treiman, 2018; Treiman; Kessler, 2014), seguindo a classificação de Oliveira (2005) e as discussões propostas por Hora e Magalhães (2020) em relação aos processos fonológicos. Como resultado desta investigação, tem-se que: (1) há influência de assimilação na escrita ortográfica dos candidatos do Enem de 2021; (2) a metátese e a haplogogia estão presentes nos desvios ortográficos, mas em menor número.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional. 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

HORA, D. da; MAGALHÃES, J. *Fonologia, Variação e Ensino*. Natal: EDUFRN, 2020.

OLIVEIRA, M. A. de. *Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

PAIVA, V. L. M. de O. e. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

TREIMAN, R. Statistical Learning and Spelling. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, v. 49, n. 3S, p. 644-652, 2018.

TREIMAN, R.; KESSLER, B. *How children learn to write words*. New York: NY Oxford University Press, 2014.

VIGNOLI-LACERDA, L. *O domínio ortográfico de candidatos do Enem e a influência do Ensino Remoto Emergencial: um estudo comparativo*. 2024. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

PROCESSOS FONOLÓGICOS NA SOLETRAÇÃO MANUAL EM LIBRAS

Clovis Batista Souza (UFPR)

André Xavier (UFPR)

A soletração manual na libras pode ser definida não como uma representação manual do português, mas está relacionada com uma sequência de configurações de mão que tem correspondência com a ortografia do português. O objetivo deste artigo é analisar processos fonológicos que ocorrem na soletração manual na libras. Foram coletados dados de vídeos do YouTube disponibilizados por um sinalizante surdo, cujas produções também foram analisadas em estudos anteriores (Xavier; Silva, 2020, 2022; Silva, 2021). Primeiramente, as soletrações manuais foram identificadas e classificadas (1) quanto à sua frequência no *corpus* (uma vez ou mais de uma vez) e (2) quanto ao contexto em que foram produzidas (ex.: entre sinais). Para este trabalho, apenas palavras soletradas uma vez foram consideradas. Em seguida, esses dados foram classificados de acordo com as categorias propostas por Silva e Xavier (2020), por meio do *software* Elan (*Eudico Language Annotator*) e do Excel. Nossos resultados mostraram diferenças e semelhanças em relação aos processos fonológicos reportados por Silva e Xavier (2020). Em relação às diferenças, observamos que a maior parte dos processos relacionados à mão não-dominante não foi observada em nossos dados, pois a soletração manual em libras, diferentemente dos sinais, é produzida com apenas uma mão. Observamos também que o polegar e o dedo mínimo parecem se comportar de forma análoga à mão não-dominante, no sentido de poderem perseverar ou ser antecipados durante a produção de outra(s) letra(s) manual(is). Em relação às semelhanças, foi identificada, na soletração manual, a maioria dos processos fonológicos atestados na produção de sinais por Silva e Xavier (2020), a saber, assimilação, metátese, não realização de contato, apagamento e inserção de movimento. Com isso, acreditamos que há evidências suficientes para o tratamento da soletração manual como parte da libras e não como um sistema separado, empregado apenas na realização de empréstimos linguísticos.

Referências

SILVA, A. R. *Análise de processos fonológicos da libras em produções de um sinalizante Surdo*. [TCC em libras publicado em vídeo, 56m43s, YouTube – não listado]. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura de Letras Libras) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lwl-bzeNugM>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na libras. *Humanidades & Inovação*, v. 7, p. 58-84, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>. Acesso em: 07 dez. 2022.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Processos fonológicos na libras em produção de dois sinalizantes surdos. *Interletras*, v. 11, n. 36, nov./2022-mai/2023. Duas décadas da Lei da Libras: avanços no âmbito linguístico e educacional. Disponível em: <https://www.unigran.br/dourados/interletras/conteudo/artigos/01.pdf?v=36>. Acesso em: 07 dez. 2022.

REDUÇÃO GRADIENTE DA VOGAL PÓS-TÔNICA MEDIAL EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pablo Arantes (UFSCar)

Tiago Pereira Rodrigues (UFSCar)

O presente trabalho apresenta parte dos resultados de um estudo experimental sobre redução da vogal pós-tônica medial (VPM) na variedade falada em São Carlos/SP (Rodrigues, 2024). Adotamos os princípios da fonologia articulatória ou gestual (Browman; Goldstein, 1986; Albano, 2001) para tratar o fenômeno e entendemos presença e omissão da VPM como polos em um contínuo no qual podemos observar produções gradientes. O estudo consistiu na análise acústica de um *corpus* de fala lida, no qual palavras-chave proparoxítonas foram inseridas em frases-veículo. Nesse *corpus*, a VPM é totalmente apagada em torno de 10% das produções e uma análise por regressão logística indicou que o apagamento é favorecido para as vogais altas /i u/, bem como nos casos em que consoantes fricativas e plosivas ocupam a posição precedente à VPM. Neste trabalho, nos concentramos nas produções em que há evidência acústica para a presença da VPM e analisamos parâmetros acústicos que mostram que essas vogais distribuem-se em um contínuo de redução acústica. Começamos mostrando que o aumento da duração da consoante precedente correlaciona-se, de forma estatisticamente significativa, com a redução na duração das VPM. Em seguida, analisamos os parâmetros acústicos relação sinal-ruído, *jitter* e *shimmer* nas VPM e mostramos que a redução em sua duração se associa a uma diminuição na relação sinal-ruído e aumento de *jitter* e *shimmer*. Esse enfraquecimento da vogal em função da sua redução temporal também é verificado em posição tônica e pós-tônica final, mas, nas VPM, a correlação entre diminuição da duração e aumento do enfraquecimento tende a ser de seis a dez vezes mais forte. Interpretamos os resultados como evidência de um processo gradiente de reorganização dos gestos em torno da posição pós-tônica medial, que impõe uma sobreposição maior do gesto da consoante precedente sobre a VPM e interpretamos o apagamento como o grau máximo desse processo. (Apoio: CAPES processo nº 88882.426869/2019-01)

Referências

ALBANO, E. C. *O gesto e suas bordas: esboço de Fonologia Acústico-Articulatória do português brasileiro*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

BROWMAN, C. P.; GOLDSTEIN, L. M. Towards an articulatory phonology. *Phonology Yearbook*, v. 3, p. 219-252, 1986.

RODRIGUES, T. P. *Redução de vogais postônicas mediais na variedade de São Carlos (SP)*. 2024. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

REPRESENTAÇÕES DE DITONGOS ORAIS FECHADOS POR GLIDE LABIOVELAR EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E SEUS DOMÍNIOS

Luiz Schwindt (UFRGS/CNPq)

Ditongos orais fechados por glide labiovelar em português brasileiro (ex. fl[aw]ta; s[aw]ta) podem receber pelo menos duas interpretações em fonologia (Camara Jr., 1970; Morales-Front; Holt, 1997; Mateus; D'Andrade, 2002; Collischonn; Costa, 2005; Walsh Dickey, 1997; Schwindt; Wetzels, 2016; Becker *et al.*, 2018; Schwindt, 2021). Segundo uma hipótese de base abstrata, as representações de superfície (SR) desses ditongos podem corresponder, na representação subjacente (UR), ou a um encontro vocálico ou a uma rima constituída de vogal seguida de uma consoante lateral (ex. fl/aw/ta; s/al/ta). Segundo uma hipótese de base concreta, UR e SR não se distinguem ou se distinguem minimamente nesses casos. A crítica à análise abstrata se fundamenta sobretudo no uso disseminado da forma semivocalizada na língua falada, de tal modo que a postulação de /l/ soa artificial, dependente da escrita. Neste trabalho, defendo a primeira abordagem, problematizando inicialmente argumentos da literatura para sustentar a distinção entre duas URs para [Vw]: (i) resistência à lateralização/velarização; (ii) alternância no plural; (iii) resistência à monotongação; (iv) resistência ao rotacismo; (v) emergência de [l] em formas derivadas e em contextos frasais. Nesta reanálise do problema, proponho que os falantes podem depreender as URs distintas desses ditongos idênticos na superfície a partir do ranqueamento de restrições fonético-fonológicas e morfolexicais. A análise se baseia em aproximadamente 16.000 dados do *corpus* LexPorBr (Estivalet; Meunier, 2015), reorganizados com o auxílio da Plataforma R (R Core Team, 2024) e do pacote Fonology (Garcia, 2023), interpretados na perspectiva de Maximum Entropy (Goldwater; Johnson, 2003), com uso da ferramenta maxent.ot (Mayer; Tan; Zuraw, 2022). Os resultados até aqui sugerem que as representações em debate se circunscrevem a domínios caracterizados principalmente pela abertura da vogal que nucleariza o ditongo, pelo acento e pela classe e frequência da palavra.

Referências

BECKER, M.; NEVINS, A.; SANDALO, M. F.; RIZZATO, E. The acquisition path of [w]-final plurals in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 17, n. 4, p. 1-17, 2018.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

COLLISCHONN, G.; COSTA, C. F. Ressilabação da lateral pós-vocálica e sua limitação prosódica. *Letras de Hoje*, v. 40, n. 3, p. 7-38, 2005.

ESTIVALET, G. L.; MEUNIER, F. The Brazilian Portuguese Lexicon: An Instrument for Psycholinguistic Research. *PLOS ONE*, v. 10, n. 12, p. e0144016, 2015. Disponível em: <http://www.lexicodoportugues.com>. Acesso em: 24 out. 2024.

GARCIA, G. D. *Fonology*: Phonological analysis in R. 2023. Disponível em: <https://gdgarcia.ca/fonology>. Acesso em: 24 out. 2024.

GOLDWATER, S.; JOHNSON, M. Learning OT constraint rankings using a maximum entropy model. In: SPENADER, J.; ERIKSSON, A.; DAHL, Ö. (ed.). *Proceedings of the Stockholm Workshop on Variation within Optimality Theory*, Stockholm University, p. 111-120, 2003.

MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MAYER, C.; TAN, A.; ZURAW, K. *maxent.ot*: A package for doing Maximum Entropy Optimality Theory in R (Version 0.1.0) [Computer software]. 2022. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7246367>

MORALES-FRONT, A.; HOLT, D. E. On the interplay of morphology, prosody and faithfulness in portuguese pluralization. In: MARTÍNEZ-GIL, F.; MORALES-FRONT, A. (ed.). *Issues 1/2 in the phonology and morphology of the major Iberian languages*, p. 393-437, 1997.

R CORE TEAM. R: A language and environment for statistical computing. Vienna, Austria. 2022. Disponível em: <http://www.r-project.org>. Acesso em: 24 out. 2024.

SCHWINDT, L. C. Underlying representation of [w]-final words in Brazilian Portuguese: evidence from morphological derivation. *Acta Linguistica Academica*. Budapest: Akadémiai Kiadó, 2021.

SCHWINDT, L. C.; WETZELS, W. L. The morphology and phonology of inflection. In: COSTA, J.; MENUZZI, S. M.; WETZELS, W. L. *Handbbook of Portuguese Linguistics*. Wiley-Blackwell, 2016.

WALSH DICKEY. *The phonology of liquids*. Doctoral dissertation. University of Massachusetts, Amherst, MA, 1997.

REVISÃO SISTEMÁTICA DE TREINAMENTO PERCEPTUAL/ FONÉTICO

Otávio Augusto Rodrigues Bernardo Silva (UFPR)

Denise Cristina Kluge (UFRJ/UFPR)

Angélica Foresti Carlet (UIC)

A presente pesquisa, proveniente do doutorado em andamento do primeiro autor, visa estudar trabalhos da área de Treinamento Perceptual (TP)/Fonético (TF). Após estudos introdutórios, mudanças de planos e participação em eventos acadêmicos, uma Revisão Sistemática cuidadosa pareceu ser adequada para estudar a área. O conceito de TP da presente pesquisa vem sendo desenvolvido e sofre mudanças há décadas. Carlet (2017), por exemplo, define TP como aplicações de técnicas da percepção da fala que canalizam a atenção do aprendiz de língua estrangeira para segmentos desafiadores da língua-alvo. O trabalho foi iniciado em setembro de 2021, em um doutorado na Universidade Internacional da Catalunha. Entre 2022 e 2023, percebemos a carência de trabalhos teóricos no ramo e concluímos que uma pesquisa bibliográfica poderia ser de grande valia para a área. O procedimento metodológico realizado contou com as seguintes etapas: foram selecionados duas bases de dados importantes, o portal da Capes e o Google Acadêmico; foram realizadas quatorze pesquisas avançadas (sete em cada portal), em português e inglês, para cada base de dados. As buscas avançadas foram necessárias, pois diversas áreas, como a Medicina e a Educação Física, também utilizam termos semelhantes e milhões de trabalhos são indexados. 2744 títulos e resumos foram analisados, dos quais 117 trabalhos passaram por todos os critérios de exclusão. 1287 dados foram gerados a partir da organização dos trabalhos como: anos e décadas de publicação, línguas maternas e alvo, segmentos ou suprasegmentos analisados, número de sessões e tempo de cada sessão, presença de *feedback*, uso ou não de alta variabilidade e presença ou não de grupos controles. Muitas conclusões podem ser tomadas a partir deste panorama, entre elas, a sugestão de adoção de uma nomenclatura padrão para estes trabalhos e o incentivo em realizar pesquisa em línguas além do inglês.

Referências

BARRIUSO, T. A.; HAYES-HARB, R. High Variability Phonetic Training as a Bridge from Research to Practice. *CATESOL Journal*, v. 30, n. 1, p. 177-194, 2018.

FORESTI CARLET, A. *L2 perception and production of English consonants and vowels by Catalan speakers: The effects of attention and training task in a cross-training study*. 2017.

MATTOS, P. de C. *Tipos de revisão de literatura*. São Paulo: UNESP, 2015. v. 2.

SOBRE A DISTRIBUIÇÃO POPULACIONAL DE MEDIDAS ACÚSTICAS CORRELATAS DA QUALIDADE DE VOZ NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: APLICAÇÕES PARA A FONÉTICA FORENSE

Renata Regina Passetti (UFSCar)

Pablo Arantes (UFSCar)

Uma das etapas de análise de exames fonético-forenses de Comparação de Locutor orientados por um arcabouço bayesiano consiste em mensurar o grau de tipicidade dos parâmetros fonéticos observados na amostra de fala cuja autoria é questionada relativamente a uma população de referência relevante. Ou seja, avaliar o quão prevalentes esses parâmetros são na população da qual se supõe que o criminoso e o suspeito pertençam, uma vez que valores raros nesta população aumentam o peso da evidência. No entanto, para que se possa estimar a tipicidade de parâmetros fonéticos em exames forenses, é preciso que se tenha acesso a estatísticas de suas distribuições nas línguas. De modo a suprir esta demanda, este trabalho apresenta uma caracterização geral da distribuição de medidas acústicas correlatas da qualidade de voz e investiga como essa distribuição está estratificada geograficamente no português brasileiro. As análises foram conduzidas em 100 amostras de fala do Corpus Forense do Português Brasileiro, as quais foram estratificadas de acordo com critérios geográficos e sociofonéticos. Foram calculados estimadores estatísticos de tendência central e de dispersão para 13 parâmetros acústicos correlatos de esforço e tensão vocais, de modos de fonação e da entoação. Além disso, verificou-se também o efeito da região geográfica na distribuição desses correlatos acústicos de qualidade de voz. Resultados preliminares mostram que parâmetros correlatos do esforço vocal e de modos de fonação, como o coeficiente de variação da intensidade, a diferença entre o primeiro e o segundo harmônicos (H1-H2), a proeminência dos picos cepstrais (CPP) e o *shimmer*, são responsáveis por diferenciar macrorregiões brasileiras. Esses resultados lançam luz sobre o potencial sociofonético da qualidade de voz no português brasileiro e são potencialmente úteis para o estabelecimento de populações relevantes em exames fonético-forenses conduzidos nesta língua. (Apoio: CAPES – Processo: 88887.804443/2023-00).

TONOGÊNESE NAS LÍNGUAS CRIOULAS DO GOLFO DA GUINÉ

Ana Livia Agostinho (UFSC)

Como resultado do contato entre línguas tonais e acentuais, os crioulos afro-atlânticos podem lançar luz sobre o papel do tom, acento e estrutura silábica na emergência de um novo sistema suprasegmental. Os Crioulos do Golfo da Guiné (CGGs) são línguas geneticamente relacionadas que resultaram do contato entre línguas acentuais (português) e línguas tonais (edóides e bantas) durante o século XVI. Este trabalho trata da tonogênese nos CGGs e foca em três línguas: lung'le (código ISO 639-3: pre), fa d'Ambô (fab) e santome (cri), bem como sua protolíngua. Proponho que os sistemas tonais dos CGGs emergiram de dois fatores: (i) a coda líquida histórica do português (por) via Proto-Crioulo do Golfo da Guiné (PGG) e (ii) a adaptação de parte do léxico como não possuindo um tom alto (H), principalmente em substantivos de origem africana, ideofones e verbos. Esses dois fatores mostram uma interação interessante entre as origens europeias (acento) e africanas (tom), em que ambos os estratos foram cruciais para os sistemas tonais resultantes. Como será mostrado, nenhum dos resultados desses fatores poderia ser encontrado em um sistema prototipicamente acentual (Hyman, 2006, 2015). Finalmente, proponho que o PGG era uma língua tonal. Nesse sentido, a pesquisa sobre os sistemas tonais dos crioulos afro-atlânticos pode contribuir para uma compreensão mais ampla do papel de diferentes pistas fonéticas na tonogênese. A presente análise é baseada em dados de trabalho de campo original coletados em São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial (Agostinho, 2012, 2019, 2023). Os dados foram organizados e analisados usando os *softwares* Dekereke (Casali, 2020) e Praat (Boersma; Weenink, 2017). Também uso dados da literatura, principalmente Bandeira (2017), Hagemeyer *et al.* (2020) e análises anteriores do lung'le (Agostinho; Hyman, 2021, 2023), fa d'Ambô (Agostinho, 2021; Agostinho; Araujo, 2021; Hagemeyer; Maurer-Cecchini; Zamora Segorbe, 2020) e santome (Maurer, 2008).

Referências

AGOSTINHO, A. L. Fa d'Ambô (Equatorial Guinea) – Language Snapshot. *Language Documentation and Description*, v. 20, p. 123-134, 2021.

AGOSTINHO, A. L. *Fieldnotes and data collection – Malabo and Annobón*. Manuscript.

AGOSTINHO, A. L. *Fieldnotes and data collection – São Tomé and Príncipe*. Manuscript.

AGOSTINHO, A. L.; ARAUJO, G. A. De. Playing with language: Three language games in the Gulf of Guinea. *Language Documentation & Conservation*, Honolulu, v. 15, p. 219-238, 2021.

AGOSTINHO, A. L.; HYMAN, L. M. Interpreting non-canonical word-prosody in Afro-European contact. In: WEIJER, J. Van de (ed.). *Representing phonological detail, Part II: Syllable, stress, and sign*. Berlin and Boston: De Gruyter Mouton, 2023. p. 151-169.

AGOSTINHO, A. L.; HYMAN, L. M. Word Prosody in Lung'le: One System or Two? *Probus*, v. 33, n. 1, p. 57-93, 2021.

BANDEIRA, M. *Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné*. 2017. 440 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: Doing phonetics by computer*, 2017. Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 24 out. 2024.

CASALI, R. F. *Dekereke*, 2020. Disponível em: <https://casali.canil.ca/>. Acesso em: 24 out. 2024.

HAGEMEIJER, T.; MAURER-CECCHINI, P.; ZAMORA SEGORBE, A. A *Grammar of Fa d'Ambô*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2020.

HYMAN, L. M. Towards a Canonical Typology of Prosodic Systems. In: ZENDEJAS, E. H. (ed.). *Tono, accento y estructuras métricas en lenguas mexicanas*. Ciudad de México: El Colegio de México, 2015. p. 13-38.

HYMAN, L. M. Word-prosodic typology. *Phonology*, Cambridge, v. 23, n. 2, p. 225-257, 2006.

MAURER, P. A first step towards the analysis of tone in Santomense. In: MICHAELIS, S. (ed.). *Roots of Creole Structures*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 253-261.

UMA ANÁLISE DO PROCESSO DE NASALIZAÇÃO DE [la]~[ni] E DE ASSIMILAÇÃO DAS CONSOANTES COMPLEXAS [kp̄] E [gb̄] NOS ORÚNKỌ DO CANDOMBLÉ

Júlia Lopes Penido Pena (UFMG)

Rosivaldo Pires França (UFMG)

Em Yorubá, acontecem processos fonológicos peculiares relacionados às consoantes complexas [kp̄] e [gb̄] – em alofonia com [b] e [g] (Ladefoged, 1968) – e à nasalização, como [la]~[ni], anteriormente catalogadas também como [ra] (forma em desuso). Considerando Yorubá uma das bases da língua nagô falada no Brasil, o estudo avalia se fenômenos similares acontecem nos terreiros – onde essa língua é falada. A pesquisa fora apresentada, e, agora, deu-se continuidade à análise linguística dos Orúnkọ (“nomes de santo” adotados pelos candomblecistas, equivalentes a sentenças formadas pela relação entre o nome do sagrado e os elementos relativos a ele) com foco em fenômenos outrora não aprofundados. A escolha desse objeto se justifica na medida em que os Orúnkọ apresentam traços linguísticos do yorubá e sua análise viabiliza informações importantes para a descrição das línguas africanas no Brasil. Optou-se pela abordagem quantitativa-qualitativa, dividida em três etapas: 1) apuração teórica sobre o tema; 2) obtenção dos Orúnkọ de 100 candomblecistas; 3) descrição fonológica. Para avaliação dos dados, as principais bases teóricas foram Ladefoged (1968), Awobuluyi (1978), Petter (2015), Okanlawon (2016) e Cristófaros-Silva (1998). Com os dados reavaliados, analisou-se a variação (ra~)la~ni e os processos ocorridos com [kp̄] e [gb̄], partindo da comparação entre a fonologia do yorubá e a do português brasileiro. A pesquisa sugere que, no Brasil, ocorre o fenômeno de nasalização em [la]~[ni], que pode sofrer influência de aspectos fonológicos, semânticos e morfossintáticos: a ocorrência das variáveis é condicionada pela transitividade nas formas verbais e pela ocorrência de oclusiva ou vogal nasal, o que tem impactos semânticos, quando a partícula apresenta papel de conectivo, nominalizador, verbalizador ou intensificador. Quanto à ocorrência de [kp̄] e [gb̄], identificaram-se dois fenômenos: assimilação das consoantes velares nas construções [kp̄] -> [p] e [gb̄] -> [b]; e epêntese em [kp̄] -> [kip] e [gb̄] -> [gib].

Referências

AWOBULUYI, O. *Essentials of Yoruba grammar*. 1978.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. Contexto: São Paulo, 1998.

DIMMENDAAL, G. J. Historical linguistics and the comparative study of African languages. *Historical Linguistics and the Comparative Study of African Languages*, p. 1-439, 2011.

LADEFOGED, P. *A phonetic study of West African languages: An auditory-instrumental survey*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

OKANLAWON, J. *An Analysis of the Yoruba Language with English. Phonetics, Phonology, Morphology and Syntax*. NorthEastern University, 2016.

PETTER, M. M. T. *Introdução à linguística africana*. São Paulo: Contexto, 2015.

VARIAÇÃO E ESTABILIDADE FONOLÓGICAS EM SINAIS PARA CORES NA LIBRAS

Katherine Fischer (UFPR)

André Xavier (UFPR)

O presente trabalho é um recorte da dissertação de mestrado de Fischer (2024) e objetiva apresentar os resultados da análise da variação e estabilidade fonológicas em sinais para cores na libras. Coletamos dados do Inventário Nacional do Desenvolvimento Linguístico da libras (Quadros *et al.*, 2018), referentes a 11 cores e produzidos por 31 dos 35 surdos de referência, 13 homens e 18 mulheres, de 15 estados mais o DF. Seguindo Xavier e P. Barbosa (2014) e Xavier e F. Barbosa (2017), esses dados foram analisados considerando a variação e a estabilidade fonológicas nos parâmetros articulatórios: configuração de mão, orientação da palma, localização, movimento, marcações não manuais, número de mãos e contato. Os resultados apontam variação na: a) configuração de mão nos sinais para as cores preta, branca, vermelha, verde, azul, marrom, rosa, roxa e cinza; b) orientação para a cor vermelha; c) na localização para as cores preta, branca, amarela, azul e laranja; d) no movimento para as cores preta, branca, amarela, verde, azul, marrom, laranja, rosa, roxa e cinza; e e) marcações não manuais para a cor branca. Não foi observada variação fonológica nos parâmetros número de mãos e contato. Em relação à estabilidade fonológica entre os sinalizantes analisados, observou-se que ela abrangeu o maior número de parâmetros nos sinais para as cores branca (sinal LEITE), verde (sinal ESCARRO) e laranja e menor número desses parâmetros nos sinais para as cores branca (sinal LIMPO), vermelha e azul.

Referências

FISCHER, K. *Análise de aspectos fonológicos, morfológicos e lexicais de sinais de cores da libras*. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

QUADROS, R.; NEVES, B. C.; SCHMITT, D.; LOHN, J.; LUCHI, M. *Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 30, p. 371-413, 2014.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da libras. *Domínios da Linguagem*, v. 11, p. 983-1006, 2017.

**Publique com a gente e compartilhe
o conhecimento**

 **Letraria**[®]
www.lettraria.net

